

**ESPECIAL: RITA LEE**

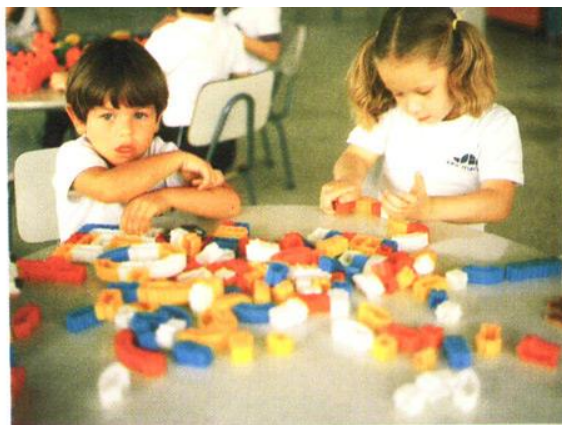
EDITORA ATO Nº 4  
JAN-FEV DE 1982 - Cr\$ 100,00

# ato

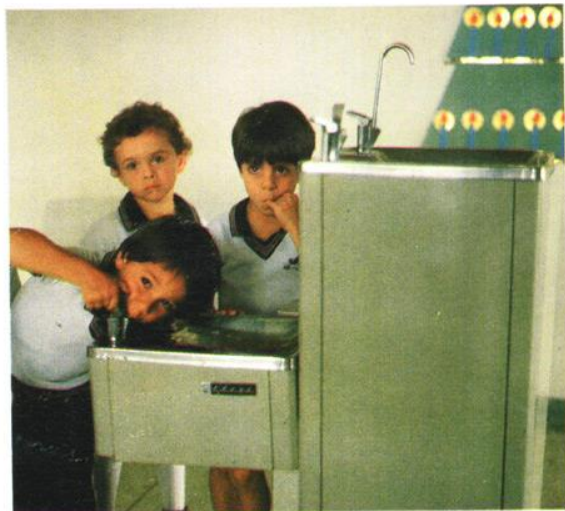


**onde  
matricular  
seu  
filho**





hata



PRESENTE NAS FASES MAIS IMPORTANTES DA VIDA.



**UNIDADE I**

Rua Senador Dantas 326  
Fone 469.9499

**UNIDADE II (Pré Escola)**

Rua José Urbano Sanches, 315  
Fone 469.1336

# Abertura

**a** chegada de mais um ano, época de matrículas na rede de ensino, é - e seguramente será sempre - motivo de atribulações especiais para a maioria dos pais, então às voltas com uma pergunta inquietante: "Onde meu filho deve estudar?". Essa dúvida, geralmente de difícil resposta, constitui-se, na verdade, numa benéfica, importante preocupação. Afinal, escolher uma boa escola para os filhos certamente virá a ser algo fundamental em seus futuros, pois a Educação é o instrumento que lhes dará apoio a segurança nas decisões que depois eles mesmos tomarão. Este é o tema da reportagem de capa, onde os leitores de ATO, a partir da página 21, encontrarão um detalhado, amplo leque de informações sobre os principais colégios de Mogi das Cruzes, sua filosofia de ensino, cursos, instalações, equipamentos e organização - trabalho que, provavelmente, lhes facilitará decidir essa delicada questão.



O Brasil fecha o ano de 1981 mergulhado numa expressiva, intranquilizadora dívida externa de 70 bilhões de dólares, e um saldo favorável na balança comercial insuficiente, até mesmo para chegar perto dos juros cobrados por essa dívida. O que o Brasil exporta, menos o que importa, representa saldo positivo pouco superior a 10% desse compromisso, que em 81 foi de 8 bilhões de dólares, enquanto a balança comercial brasileira rendeu apenas 1 bilhão de dólares. A situação da economia do país, que apesar de tudo deverá respirar com um pouco mais de folga em 82, é analisada por ATO, a partir da página 8, numa reportagem de José Roberto de Alencar.

\*

Por fim, em reportagem especial que trazemos a partir da página 36, você irá conhecer, num texto de Leonor Amarante, o que pensa a irreverente, debochada mesmo Rita Lee, sem dúvida o maior mito da nossa geração dos anos 80.

F.L.



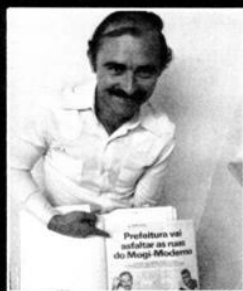
## E

Artes e Espetáculos .....	38 a 43
Automóveis/Urbanismo .....	11
Boom Imobiliário .....	17 e 18
Caldeirão .....	14 e 15
Carlos Soh .....	44 e 45
Cartas .....	4
Gente .....	32 e 33
Humor .....	46
Política .....	5
Poluição .....	6
Saúde .....	12
Turismo .....	34



PÁG.  
**16**

Jovita, a professora que formou metade de Mogi.



PÁG.  
**29**

Planos e promessas: começou o vale-tudo eleitoral.



PÁG.  
**20**

As motos, que já são 1/5 dos veículos da cidade.



PÁG.  
**31**

As nossas lagoas e sua grande ameaça: as doenças.

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: LUCIANO DIAS PIRES FILHO.



### Doutor Calcanhar



Notável a reportagem sobre Sócrates, sem dúvida alguma o maior jogador brasileiro na atualidade, apesar da excelente forma de Zico, Júnior e Waldir Peres.

*Antônio Augusto A. Souza*  
Mogi das Cruzes

### Não adianta chorar

Memorável a reportagem "Não adianta chorar" do número 3 de ATO. De forma simples - e divertida - fica-se sabendo tudo sobre o problema do petróleo e da gasolina.

*Márcia Helena Charleston*  
Mogi das Cruzes

### Recebimento

Tenho o prazer de acusar o recebimento e agradecer o exemplar da Revista ATO que me enviou.

*Heitor Gurgulino de Souza*  
Vice-presidente CFE - DF

### Grande êxito

Comunicamos que o Concurso Regional de Música Sertaneja, realizado de 15 a 21 de novembro, pelo Departamento Municipal de Cultura da Prefeitura de Mogi das Cruzes, se constituiu em grande êxito, parte do qual deveu-se à colaboração prestada por essa conceituada revista ATO.

*Antônio Monteiro*  
Diretor

### Via Leste

Excelente a reportagem sobre a Via Leste. Além de dar noção de como estão as obras, mostra, principalmente, o que está ocorrendo em função desse novo corredor ligando São Paulo a Mogi das Cruzes.

*J.J. Perechios*  
São Paulo

### Lazer e cultura

A seriedade e qualidade das reportagens apresentadas por ATO realmente têm levado cultura, lazer e informação aos seus leitores.

*Paulo Cunha dos Santos*  
Mogi das Cruzes

### ATO agradável

A edição número 3 da Revista ATO está excelente, com material informativo muito bom e uma distribuição editorial balanceada que permite sua leitura com facilidade e compreensão, além de se tornar um "ATO" muito agradável.

*Tarcísio José de Souza e Silva*  
Assessor de Comunicações  
Prefeitura de Taubaté

### Abraço triplíce

Estou gostando muito dessa revista. Continuem assim que o mogiano só tem a agradecer. Recebam meu triplíce e fraternal abraço.

*Antônio Andari*  
Mogi das Cruzes

### Carlos Chagas e Carlos Soh

Essa é uma revista que nada fica a dever às melhores do país. Sempre é bom ler a visão crítica de um Carlos Chagas, a mordacidade de um Carlos Soh e as sempre interessantes colaborações dos demais que escrevem em ATO. Faço, apenas, um único reparo: ATO deveria sair mensalmente e não a cada dois meses.

*Rizolene Amorim Matos Incheглу*  
Suzano - SP

**N. da R. Planos, idéias e disposição já estão prontos. Em breve sairemos mensalmente.**

### Mogi quatrocentona

Através de ATO não só estamos sendo informados por assuntos vários bem como pudemos melhor conhecer a quatrocentona cidade de Mogi e a laboriosa região que a circunda. O conteúdo da publicação, aliado às excelentes qualidades gráficas, despertam vivo interesse também em leitores de outras cidades.

*Constantino Pereira Vilarinho e*  
*Myriam Augusto da Silva Vilarinho*

---

*Cartas para ATO, rua*  
*Senador Dantas, 326, Mogi das*  
*Cruzes, CEP 08700 - SP.*

---

**Editor responsável**  
Fernando Leal

**Diretores Administrativos**  
Márcio de Paula  
Benedito Wilson de Freitas

**Editor Gráfico**  
Carlos Soh

**Publicidade**  
Eleny Nicolini

**Produção**  
Marina de Siqueira e Aranha  
Nelsson Antônio Alessi

### Colaboradores

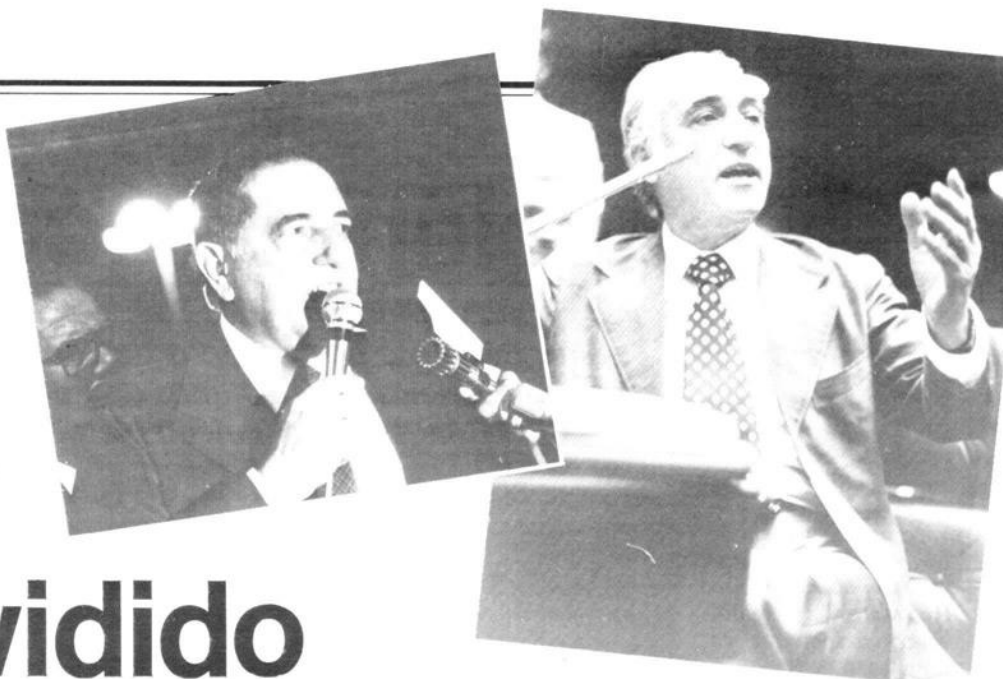
Carlos Chagas e Rosângela Bittar (Brasília), Roberto Godoy e Wilson Marini (Campinas), Freitas Neto (Maceió), Beth Costa, Darwin Valente, Edna Fonseca, EME, Fátima Fonseca, Geraldo Rodrigues, José Tadeu, Kiko de Paula, Lenilde Pacheco, Marcos de Oliveira Lima, Mirna Monteiro, Pedro Cipolla Filho, Vanice Assaz e Verá Lúcia Barba (Mogi das Cruzes), Ozair Vasconcelos (Natal), José Roberto de Alencar (Rio de Janeiro), Antônio Augusto Toledo Neto e Flávio Nery (São José dos Campos), Adones de Oliveira, Benedito Salgado, Berenice Guimarães, Carlos Soh, Celso Ming, Efigênia Menna Barreto, Floreal Rodriguez Rosa, Francisco Augusti, Ilka Marinho Zanotto, José Fernando Lefcadito Alvares, José Maria Santana, Leonor Amarante, Luciano Dias Pires Filho, Luiz Fernando Emediato, Maria Inês de Camargo, Nicolielo, Rubens Ewald Filho e Vital Bataglia (São Paulo).

ATO é uma publicação bimestral da Ato Editora e Publicidade Ltda., rua Clóvis Bueno de Azevedo, 176, telefone: 274-5711, CGC 462494339/0001-53, São Paulo, Capital. Redação, publicidade e correspondência, rua Senador Dantas, 326, Mogi das Cruzes, telefone: 469-0502, SP. Registrada na Divisão de Censura do DPF sob número 2.305 - P. 209/73. ATO é distribuída por mala direta e também vendida em banca. Circulação: Mogi das Cruzes e região. Tiragem desta edição: 15 mil exemplares. Composição e fotolitos: Bandeirante S.A. Gráfica e Editora. Imprensa: Ato Editora e Publicidade Ltda.

**ATO, JANEIRO/FEVEREIRO DE 82**



*Com o 'pacote' de novembro, Montoro e Reynaldo de Barros ficaram mais fortes. Vencerá quem sofrer menos a divisão de votos entre os outros partidos. Por José Maria Santana.\**



## Bolo dividido

O mercado político paulista está em alta: a queda das sublegendas para governador engoliu os peixes pequenos e deixou na luta apenas os candidatos mais fortes. Quem não comprou boas ações na baixa, quando proliferavam as ofertas, terá que pagar agora preços elevados se quiser tomar parte no bolo. Na baixa, Reynaldo de Barros valia tanto quanto Laudo Natel, e Orestes Quêrcia só um pouco menos do que Franco Montoro. Agora o quadro mudou - e quem apostava no candidato errado perdeu dinheiro.

A decisão do governo, com o "pacote" de novembro, de vincular todos os votos e de forçar cada partido a apresentar seu candidato à sucessão estadual alterou a composição de forças tanto do lado do PDS, o partido do governo, quanto nas bandas da oposição. Mais ainda, aumentou o cacifê de dois concorrentes alguns pontos acima dos demais: o do senador Franco Montoro, do PMDB, e o do prefeito da Capital, Reynaldo de Barros, do PDS. Ganhará quem sofrer menos com a dispersão dos votos entre os outros adversários.

É o caso de Franco Montoro. Ele disparou na frente desde o início da disputa, cedeu terreno aos concorrentes ao longo do caminho, e agora recupera o fôlego. Montoro é um privilegiado aspirante à cadeira ocupada pelo governador Paulo Maluf e já apresenta seu projeto futuro. "Defendo a descentralização, a autonomia municipal e a sociedade civil", diz. Ele terá seu lugar assegurado desde que o PMDB consiga convencer o PP, o PT e PDT a não espalharem os votos oposicionistas e a aceitarem a incorporação a seu quadro.

O PP, já envolvido com sua incorpora-

ção ao PMDB, é um problema a menos para Montoro. O PT de Luiz Ignácio da Silva, o *Lula*, debate-se entre duas alternativas ainda não resolvidas: não sabe se é melhor apoiar Montoro e levar uma parte da herança, ou lançar seu próprio campeão, para ao menos firmar-se como partido. Ao PDT do ex-governador Leonel Brizola não cabe outra escolha — mais fraco, ele tem mesmo é que namorar Montoro.

Estas alianças, sem dúvida, aumentarão o bolo do PMDB. Restará apenas - o que não é menos complicado - dividir as fatias, pois serão muitos os pretendentes, agora em maior número pela provável incorporação do PP. O ex-ministro cassado Almino Afonso, por exemplo, jogou todas as suas fichas em Montoro, e espera que ele apoie sua pretensão de chegar ao Senado. Nesse caso, o que fazer com o senador Orestes Quêrcia, que embora tenha apostado na candidatura errada para governador - a sua própria - é candidato nato à reeleição? Além dos comensais internos, a mesa do PMDB deverá ter lugar também para convidados dos outros partidos, se os acordos forem costurados. São problemas de quem passou tanto tempo em absoluto jejum de poder.

Já na trincheira do PDS, o quadro está mais claro hoje do que há dois meses, quando alguns políticos ainda sonhavam com uma sublegenda que lhes abrisse uma brecha na disputa pelo Palácio dos Bandeirantes. Diante do inegável poder de fogo do governador Paulo Maluf, o ex-governador Laudo Natel escondia-se atrás do escudo do presidente João Figueiredo, que pretendia vê-lo canalizar os votos de eleitores que apoiam o governo, mas não o atual governador. O sonho de Natel acabou: se da convenção partidária deverá

emergir apenas um candidato, este será o de Maluf, que já escolheu Reynaldo de Barros.

A máquina oficial acaba de ser programada para trabalhar em favor do prefeito da Capital, por uma equipe que inclui assessores palacianos e se reúne às segundas-feiras no Ibirapuera. Para não ficar à deriva, outros candidatos, como o deputado federal Adhemar de Barros Filho, o secretário da Agricultura, Guilherme Afif Domingues e o vice-governador José Maria Marin, iniciam manobras para amarrar sua canoa no barco de Reynaldo. No futuro imediato, Marin terminará o mandato de Maluf, que testará pela primeira vez seu prestígio nas urnas, disputando uma cadeira de deputado federal.

Assim, a dez meses das eleições de 1982, o circo está armado, com dois concorrentes realmente fortes. Montoro levará se para ele escoarem os votos contra o governo; Reynaldo, se capitalizar os votos governistas e for ajudado pela cisão oposicionista. Falta apenas uma pedra nesse tabuleiro político: o ex-presidente Jânio Quadros. Depois de renunciar à presidência da República, Jânio meteu-se de novo na política paulista e, desentendendo-se com o então governador Carvalho Pinto, seu antigo aliado, lançou-se candidato a governador apenas para impedir que o herdeiro oficial, José Bonifácio, vencesse. Com isso, ajudou a eleger seu antigo desafeto, Adhemar de Barros.

Há pouco, ele bateu à porta do PMDB e foi vetado por iniciativa de Montoro. Como no passado, Jânio se diz candidato ao governo do Estado e tomado pela mesma fúria, vestiu a camisa do PTB, como quem diz: "Se eu não posso, ele também não leva. Que ganhe o outro". "Ele" é Montoro, e o "outro", Reynaldo, sobrinho do velho Adhemar.

\* José Maria Santana é repórter da revista *Veja*.

# Consciência ecológica

*Foi preciso uma grande tragédia, com nove pessoas mortas por intoxicação, para São José dos Campos descobrir os sérios problemas de poluição que enfrenta após 10 anos de intensa industrialização.*

*Por Augusto Toledo Neto.\**

A morte trágica de nove pessoas, intoxicadas por gás sulfídrico em agosto passado, acabou despertando na população de São José dos Campos a consciência para uma questão que, até então, gerava rara preocupação: a poluição atmosférica. O acidente fatal, ocorrido perto de um dos tanques de reprocessamento de petróleo da refinaria Henrique Laje, da Petróbras, chegou a provocar pânico entre os moradores dos bairros vizinhos, a ponto de pensar-se até na transferência de um deles, o Vista Verde, como forma de livrá-lo dos "perigos" da refinaria.

Exageros à parte, a verdade é que somente agora, após 10 anos de intenso desenvolvimento industrial e quase incontrolável crescimento demográfico (em 1970, a cidade possuía 130 mil habitantes, contra os 283 mil de hoje, numa taxa aproximada de 7,5% ao ano, segundo dados do IBGE), São José dos Campos se deu conta da necessidade de acautelar-se contra a poluição atmosférica, uma ironia para o seu ar, outrora considerado ideal para tratamento da tuberculose.

Dado o sinal de alerta, o Conselho de Combate à Poluição e Defesa do Meio-Ambiente, criado pela Prefeitura em 1979, pôde, finalmente, entrar em ação, cobrando da Petrobrás e dos técnicos da Cetesb explicações concretas sobre o acidente. Até então, de prático, o Conselho só promovera campanhas educativas como as semanas do meio-ambiente, aler-



tando para a importância de se preservar o verde.

O acidente também mexeu com a regional da Cetesb, em Taubaté. Acostumada apenas a manter numa das praças centrais de São José um posto fixo de medição da qualidade do ar, preocupada com o gás carbônico (CO<sub>2</sub>) produzido pelos veículos, ela enviou unidades móveis para bairros vizinhos à refinaria. Em menos de um mês enviava sinais de tranquilidade para a população — O IPA Índice de Padrão do Ar variava de "bom" a "aceitável".

Enquanto isso, outras entidades também passaram a se preocupar em levantar dados que pudessem esclarecer melhor a questão da poluição na cidade e no Vale do Paraíba. Uma comissão formada por

médicos da sede regional da Associação Paulista de Medicina anunciou que executaria um extenso levantamento das doenças mais comuns, principalmente as pulmonares, que possam ter sido causadas por poluentes atmosféricos, no que já encontrou apoio. O Instituto de Pesquisas Espaciais, através de iniciativas isoladas de seus engenheiros, possui estudos completos sobre o problema, inclusive em relação às transformações climáticas ocorridas na região nos últimos 15 anos.

Despertada a consciência da população, resta, ainda, muito a analisar. A Petrobrás, por exemplo, em 1973, iniciou as obras da refinaria sem apresentar a documentação exigida pela Prefeitura, como projetos, plantas e outros itens. Só em 1977, quatro anos depois, é que a empresa encaminhou a papelada.

\* Augusto Toledo Neto é repórter do Valeparaibano.



**Na hora  
em que você  
precisar de  
um banco,  
procure um  
que faça mais  
por você.**

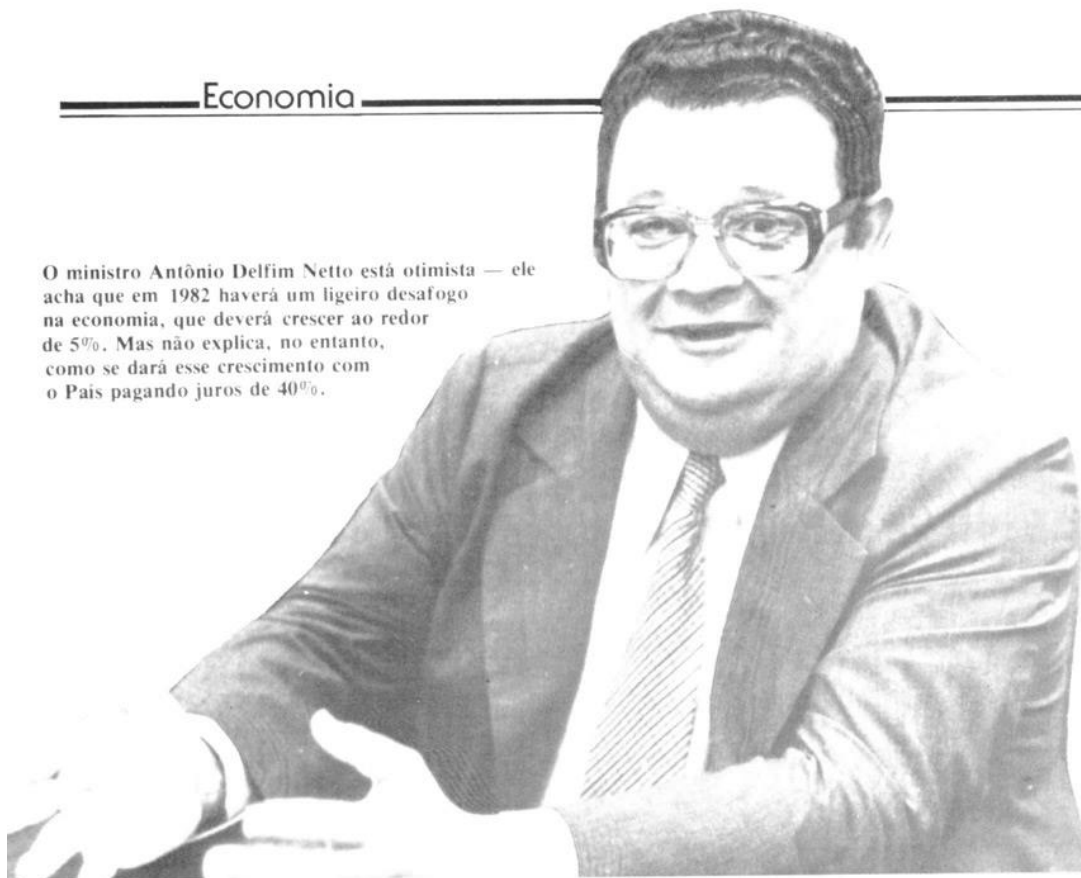
---

**BANCO REAL**

---

O banco que faz mais por seus clientes.

O ministro Antônio Delfim Netto está otimista — ele acha que em 1982 haverá um ligeiro desafogo na economia, que deverá crescer ao redor de 5%. Mas não explica, no entanto, como se dará esse crescimento com o País pagando juros de 40%.



*O Brasil inicia 1982 com a enorme, incrível dívida de 70 bilhões de dólares. Se o governo, semanalmente, destinasse o prêmio da Loteria Esportiva para pagar esse débito, só iria saldá-lo no ano de 3.327. Por José Roberto de Alencar.\**

## O brasileiro já nasce devendo

Que nem cego em tiroteio. Nisso, todo mundo concorda. O Brasil escolheu errado uns caminhos aí, e acabou nesta pracinha onde o chumbo come solto e a fumaça não deixa achar a melhor saída. Trata-se de uma escolha complicada, pois tem de se basear em interpretações de fatos. As interpretações são muitas — cada um, interpreta de um jeito. E os próprios fatos estão pouco nítidos na fumaça e na zoeira.

Alguns são conhecidos, como a dívida externa de 70 bilhões e dólares. Câmbio oficial não adiante para fazer essa continha. Na realidade, cada dólar, para pagar a dívida, custa mais de Cr\$ 200 à sociedade. O Brasil deve, portanto, no mínimo Cr\$ 14 trilhões. Cada brasileiro já nasce devendo uns Cr\$ 120 mil. E como o pessoal anda meio duro, seria besteira esperar por essa contribuição.

Se um cidadão de muita sorte e muito bonzinho resolvesse ganhar sozinho na loteria esportiva toda semana e doar todo o dinheiro, — 200 milhões semanais — para o Delfim Netto sair por aí pagando as contas, ainda assim não ia dar: juntar o dinheiro todo levaria 70 mil semanas, ou 1.346 anos. A dívida só estaria paga ali pelas dez da manhã do dia 14 de outubro do ano da graça de 3327.

Isso, se os credores internacionais con-

cordassem em congelar a dívida, em não cobrar juros e em receber em cruzeiros. E o nó da questão é exatamente esse: eles não concordariam de jeito nenhum, principalmente com a história de cruzeiros. Essa dívida só se paga em dólares, em moedas fortes. E moedas fortes só se conseguem em troca de mercadorias que interessem aos donos delas. O Brasil exporta café, soja, açúcar, minérios... O importador paga em moedas fortes que o Banco Central retém para pagar as dívidas e as coisas que o Brasil precisa importar. E dá, ao exportador brasileiro, o equivalente em cruzeiros.

Neste ano, as exportações deverão trazer para as burras do Banco Central algo parecido com US\$ 25 bilhões. As importações levarão, no entanto, US\$ 24 bilhões de volta. O US\$ 1 bilhão que sobre não dá para pagar nem metade da metade da metade do juro da dívida. Aí, a outra complicação.

**DÍVIDA IMPAGÁVEL** — Primeiro, que metade das exportações brasileiras são feitas para países do terceiro mundo e do bloco socialista, e eles nem sempre dispõem de moedas fortes. Pagam em mercadorias — algumas vezes até interessantes, como petróleo. Para os donos das moedas fortes, é difícil vender manufaturados, pois indús-

tria por indústria eles também têm, e melhor do que a brasileira.

Então, compram açúcar, café, soja, sucos cítricos e até calçados brasileiros. Mais manufaturado do que calçados já é difícil vender. O que compram bastante é matéria-prima para as indústrias deles. Mas como suas economias também navegam em crise, estão comprando pouco. E é deste ponto para a frente que a coisa se complica. O Brasil deve moedas fortes, não tem como botar a mão nelas e sua dívida é, portanto, impagável. No mau sentido, é claro.

Para não ficar com o nome sujo na praça, o Brasil precisa arrumar pelo menos os dólares suficientes para pagar os juros — foram US\$ 8 bilhões em 1981 — enquanto “rola a dívida”, reformando os papagaios. Pede esses dólares emprestados para pagar os juros e se enterra ainda mais, pois a coisa não é tão simples. Para começo de conversa, os estrangeiros concordam em emprestar, desde que uma parte dos dólares não venha em dólares, e sim em mercadorias.

Então, emprestam por exemplo mil dólares, mas o Brasil tem de gastar 300 lá mesmo. Limpos, só vêm 700. E os juros (que estiveram em 20% ao ano, em 1981) são cobrados sobre os mil. Mais grave, porém, é que os banqueiros fazem uma exigência — igual banco faz com pobre que queira dinheiro: “Só empreste se você tomar juízo, adotar um

\* José Roberto de Alencar é repórter da Gazeta Mercantil.





Isso é o mínimo que você deve esperar de uma impressão.

Mas tem outras verdades que você precisa saber e considerar quando escolher

como esta revista. Quem faz uma revista faz muitas outras coisas que você precisa conhecer. Depois de ler este anúncio, peça um representante, seja

## Hoje deu borboleta. Amanhã pode dar macaco, um torno ou um manequim que o resultado vai ser sempre aquele que você está esperando.

uma gráfica para um serviço importante, mesmo que a importância dele seja somente para você mesmo.

Primeiro uma gráfica é a última coisa que você deve procurar. Mas o melhor mesmo é entregar seu problema totalmente para quem tem capacidade de resolvê-lo por inteiro.

A Bandeirante é antes de mais nada uma empresa que lhe oferece tudo

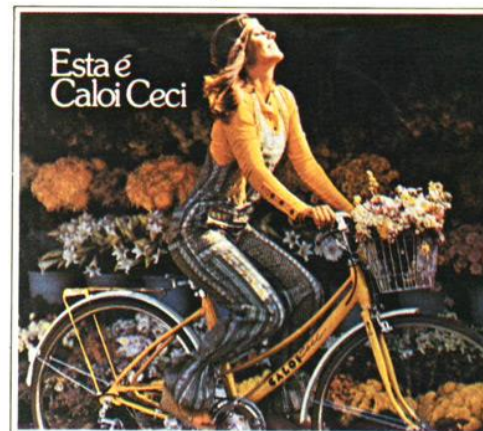
trabalho gráfico. Seja ele uma revista como esta, um folheto, um calendário, um poster, um relatório de diretoria ou um impresso que você deseja muita qualidade e principalmente nenhuma preocupação. Isso sem contar a economia.

A Bandeirante recebe sua idéia e faz dela a realidade mais rápida e bem impressa que você pode desejar

A Bandeirante é um verdadeiro Parque Gráfico onde o mais moderno equipamento vai compondo, gravando e imprimindo tudo que precisa ser impresso.

Tudo feito aqui mesmo em casa,

qual for sua necessidade, nós temos um palpite que vamos acertar na cabeça.



### Bandeirante

S.A. GRÁFICA E EDITORA

Div. Fotocomposição  
São Paulo - Rua Stella, 515 - Bloco H - Conj. 11  
Fones (011) 230-2118 - 230-2119  
Div. Gráfica  
S. B. Campo - Rua Joaquim Nabuco, 351  
Fone (011) 452-3444



que é preciso para se fazer um bom

## O BRASILEIRO JÁ NASCE DEVENDO

modelo econômico mais austero, controlar a inflação e outros babados”.

O próprio Delfim Netto, quando era ministro da Agricultura, dizia que a melhor forma de combater a inflação era produzir bastante. Pelo seu raciocínio antigo, se a panela do povo estivesse sempre cheia, não teria como o atravessador ganhar muito no quilo de batata ou de feijão. De fato. Inflação é quando todo o dinheiro do país dá para comprar todas as mercadorias e ainda sobra dinheiro. A proposta dele era a de aumentar o volume de mercadorias, aumentar tanto a produção que juntando todo o dinheiro do Brasil não desse para comprar tudo.

**ESTICANDO O BAIXINHO** — Os banqueiros internacionais têm outra visão da coisa. E além de exigir que se controle a inflação, ainda determinam o método. Se a questão é tornar o volume de mercadorias maior do que o volume de dinheiro na mão do povo, muito mais fácil do que trabalhar feito louco, para aumentar a produção, é tirar o dinheiro da mão do povo.

Tecnicamente, a solução é perfeita. Para um baixinho e um grandão ficarem do mesmo tamanho, tanto pode o baixinho se pôr na ponta do pé e pentear o topete para o alto, quanto pode, o grandão, ficar corcunda. Delfim ameaçou (e o Brasil inteiro torceu), esticar o baixinho, aumentar a produção. Os banqueiros o mandaram curvar o grandão, encolher o dinheiro. Eles acham absurdo ver brasileiro enterrado de dívida assistindo TV em cores. Todo credor torce o nariz quando vê devedor esbanjando.

O problema é que ao tirar o dinheiro da praça (caceteando a cabeça do grandão), a produção também diminui (o baixinho sofre as conseqüências). Ao tirar dinheiro de circulação, o povo passa a comprar menos. Como a exportação dos excedentes (da parte que o povo não teve dinheiro para consumir), também anda problemática (como já foi dito), as mercadorias encaham.

Aí entra outro problema — e sobre ele já se abre um incrível leque de opiniões. É que as indústrias, ou muitas delas, em vez de abaixarem o preço para vender mais, mantêm o preço, vendem menos, formam estoque e demitem os empregados. A automobilística, por exemplo, demitiu operários em magotes, quando seus pátios lotaram de carros encalhados. Mas aumentou seus preços acima da inflação.

É verdade que, no caso da automobilística, tinha um macete. Metade dos automóveis fabricados no Brasil é vendida em consórcios. O otário consorciado, que já pagou algumas prestações e não quer perdê-las, vai lá todo mês e pinga, religiosamente, um sessenta-avos do preço de tabela do carro naquele mês (se era consórcio de sessenta meses). E ainda dá 10%



Conceição: segurando o desenvolvimento o tiroeiro será maior ainda.

Biondi: não há recessão.

para a “administração” do consórcio. Com metade da produção colocada antecipadamente, as montadoras estão se ligando para o resto.

Uma das mais fortes correntes de opinião — a capitaneada pela professora Maria Conceição Tavares, das melhores cabeças deste País — acha que segurar o desenvolvimento é a pior saída possível. Desembocará numa outra praça, onde o tiroeiro está mais feio ainda. Paulo Totti, diretor da Sucursal carioca da Gazeta Mercantil, dá um exemplo: “Se a redução da atividade econômica é o melhor remédio, o melhor homem, para esse modelo, é o homem morto, que não produz não gasta nada, não exige emprego, nem liberdades”.

De fato, para levar a extremos essa política chamada “monetarista”, os homens terão de fazer o favor de morrer. Tarefa, aliás, bastante facilitada pelas conseqüências da própria política de contenção. O desempregado da indústria automobilística toma o lugar do mecânico da oficina especializada, esse vai trabalhar numa cabeça de porco, o que perdeu o lugar aí vai ser zelador de edifício e o velho zelador que volte para a roça, onde, pelo “efeito cotovelo”, dará sua cotovelada e desempregará alguém que talvez venha a falecer.

**CACHAÇA EM ALTA** — Uma outra corrente de opinião diz que não é bem assim. Aquele último empregado urbano, o zelador, ao perder o emprego vai para a roça sim. Mas o governo estará incentivando a agricultura e, na roça, haverá lugar para todos. Como todos estarão ganhando menos, as vendas de automóveis e de outros supérfluos cairão. O que até é bom, pois essa indústria depende muito de importações (inclusive do petróleo que movimentam seus produtos), e aumenta a dívida brasileira.

Em compensação, as indústrias tradicionais tenderiam a florescer. E dariam empregos. E venderiam bastante — pois o pessoal não teria dinheiro para automóveis e TVs em cores, mas teria para TVs

branco e preto e produtos não supérfluos. Enfim: a fábrica de uísque vai à falência, mas as de cachaça crescerão adoidado.

Essa corrente — muito bem explicada por Aloysio Biondi, um dos melhores jornalistas de economia deste País — não acredita em recessão. Biondi diz, por exemplo, que a indústria de máquinas está chiando, chorando e pedindo mordomias fiscais para enfrentar a crise, mas não atravessa crise nenhuma. Em 1980, essa indústria tinha setenta semanas de pedidos em carteira (levaria setenta semanas para atender suas encomendas). Fechou 1981 com mais de oitenta semanas.

Há muitas outras correntes de interpretação dos fatos. Mas tanto faz se existe ou não crise para uma terceira corrente, que em vez de analisar a situação econômica prefere olhar mais ao lado político.

Ai estão sindicalistas sérios, ligados ao Partido dos Trabalhadores. Eles acham que na raiz da crise existente ou não está o fato político. As categorias profissionais melhor organizadas, mais mobilizadas, mais capazes de levar uma greve com sucesso, foram exatamente as mais afetadas pelo desemprego nesta crise.

Mesmo que a crise seja setorial, como diz o governo, mesmo que esteja afetando apenas a indústria mais supérflua, mesmo que não passe de um efeito cotovelo, ainda assim a crise teve efeito negativo sobre o operariado: com tanto desempregado na praça, categoria nenhuma consegue fazer greve vitoriosa.

Isso tudo se refere ao passado. Como vai ficar daqui para a frente? Depende. Delfim Netto diz que vai dar um pequeno desafogo neste ano e deixar a economia crescer uns 5% (em 1981 o Brasil andou para trás). Só não explica como a economia vai crescer pagando juros reais de 40%. No final de 1982 haverá eleições e no início de 1983 trocam-se governadores e boa parte do Congresso. Na pior das hipóteses, haverá mais correntes de opinião do que hoje, fazendo-se ouvir. E com mais gente pensando, as soluções aparecem. Democracia tem suas vantagens. ●



## O carro urbano

*A Gurgel lança o XEF, um carro tipicamente urbano*

Você deseja um carro pequeno, confortável, modelo esportivo, que se adapta bem tanto na cidade como na estrada? Serão esses os argumentos comerciais para o lançamento de um novo automóvel no Brasil, o XEF, a ser produzido a partir de março pela Gurgel, fábrica nacional situada em Rio Claro.

O carro, concebido no mesmo estilo da linha Gurgel de utilitários e elétricos, foi apresentado no último Salão do Automóvel em São Paulo. E será produzido em série para atender "a uma faixa de pessoas como executivos que desejam um carro pequeno, ágil, potente e que ofereça status", segundo o industrial João Amaral Gurgel, que o desenhcou. É um carro de uso tipicamente urbano, pois oferece fácil manobrabilidade e estaciona facilmente. Mas não é limitado mecanicamente, mantendo bom desempenho em viagens. Inclusive é indicado para passeios no litoral, pois oferece algo que as demais indústrias automobilísticas não garantem: a anti-corrosão. A fábrica dá uma garantia de 100 mil quilômetros quanto a esse importante detalhe.

Pode ser mais um sonho do engenheiro Gurgel, ex-funcionário das multinacionais General Motors e Ford. Mas a idéia não deixa de ser interessante, especialmente pelas inovações que apresenta.

De fora, o painel não é visto, o que é considerado um mecanismo para prevenção de roubos de acessórios internos. Outra novidade é o recuo do volante em relação ao para-brisa, sugerindo ao motorista maior segurança. Essa separação deixa um amplo espaço, numa espécie de pequena mesa. "É revolucionário", afirma o entusiasta Gurgel, enquanto sua filha, Maria Cristina, que o assessora em diversas áreas da empresa, comenta, fazendo trocadinho: "será o carro-chefe da Gurgel".

**FICHA TÉCNICA** - O XEF da Gurgel mede 3.120 mm de comprimento, tem 1.740 mm de largura e 1.300 mm de altura. O motor é 1600 Volkswagen, dupla carburação a álcool ou a gasolina. Faz 15 ou 16 km com um litro de gasolina. Leva dois ou três passageiros e seu tanque é pa-

ra 50 litros. Trata-se de monobloco de aço com fibra de vidro, e que garante incorrosibilidade e grande resistência. Teto removível (pode ser substituído por duas tampas de lona). Poltronas reclináveis, opção para ar condicionado e pequeno espaço para bagagem. O preço ainda não está definido, mas hoje custaria cerca de Cr\$ 1 milhão.



XEF: pequeno, ágil e muito caro.

WILSON MARINI

### URBANISMO

## Pororoca viva

*Jacarei tenta conter seu crescimento urbano e lança mão de sua única arma: impedir loteamentos*

Os problemas previstos há cinco anos para o Vale do Paraíba, caso não se iniciasse urgentemente um processo de organização de seu crescimento, começam a ocorrer principalmente entre Jacarei e São José dos Campos, pois as duas cidades praticamente já se juntaram ao longo da Via Dutra. Essa situação que os técnicos chamam de "conurbação", uma espécie de pororoca entre municípios, pode levar a região entre Jacarei e Pindamonhangaba à terrível realidade de ter 1 milhão de habitantes daqui a 18 anos, em 2.000.

Para impedir esse caos futuro, Jacarei já deu seu passo adiante, aprovando lei sobre a utilização do uso do solo, proibindo a criação de loteamentos que levem à expansão de sua área urbana, pois ainda

possui grandes espaços vazios que devem e precisam ser ocupados na parte central da cidade.

Essa atitude de resto já adotada por outras cidades na mesma situação não representa muito na situação geral do Vale do Paraíba, já que os objetivos gerais do Macro-Eixo, um plano criado pela Secretaria de Planejamento do governo Paulo Egydio Martins, não foram alcançados por absoluta falta de recursos. Assim, — e apesar de em 1978 já se alertar para o rápido processo de deterioração da qualidade de vida da região — pouco, ou quase nada, se fez para deslocar esse desenvolvimento para outros pontos do Vale, como propunha o plano governamental.

Só entre Jacarei e São José dos Campos, por exemplo, vivem hoje, ao longo da Via Dutra, mais de 60 mil pessoas, em sua maioria operários. O fenômeno também ocorre entre Caçapava e Taubaté, Taubaté e Tremembé e com Aparecida do Norte, Guaratinguetá e Lorena, resultando no aparecimento veloz de bairros periféricos, distantes do centro, fazendo com que, indo até eles, as prefeituras gastem fabulosas quantias em obras e serviços, sob pena de, não o fazendo, contribuir ainda mais para a deterioração da região, além de estar abandonando seus habitantes à própria sorte.

Dessa maneira, sem investimentos do governo estadual no Macro-Eixo, só restou a essas cidades legislar sobre a utilização dos espaços urbanos, limitando o crescimento de seu perímetro urbano, mas não podendo fazer nada além disso, enquanto permanecem abandonadas outras



Jacarei: tentando fugir do caos urbano.

áreas do Vale do Paraíba, que já poderiam estar beneficiando-se da potencialidade de crescimento gerada por esses municípios.

Sem qualquer solução a curto prazo, a situação do Vale do Paraíba só tende a piorar, aumentando ainda mais a pororoca urbana.

AUGUSTO TOLEDO NETO





Flúor: 20 anos de experiências bem sucedidas e comprovadas.

—Saúde—

## Cáries sob controle

*Campinas adicionou flúor à água e reduziu em 66% as cáries de sua população. Por Wilson Marini\**

**E**studante, operário, empregada doméstica ou motoqueiro — seja qual for o perfil sócio-econômico do jovem campineiro, ele certamente terá menor quantidade de cárie nos dentes em relação aos colegas de outras cidades. Basta ter nascido em Campinas depois de 1961 e ingerido água tratada pelo antigo Departamento de Água e Esgoto, transformado hoje uma empresa municipal, a Sanasa.

A explicação é simples. Há 20 anos, de forma ininterrupta, Campinas adiciona flúor na água de abastecimento público, o que levou a uma significativa redução de índices de cárie numa geração inteira. O fato já foi comprovado cientificamente e poderá servir de exemplo para outras cidades, bem como para a Sabesp, que atua na Capital e boa parte do Interior. Estudos realizados pela Faculdade de Saúde Pública de São Paulo, em 1973, concluíram que houve uma redução de 66% na ocorrência de cárie nos dentes permanentes, e de 53% nos dentes primários, em crianças de 4 a 10 anos de idade.

Este ano, a Secretaria de Saúde de Campinas resolveu aferir os índices de cárie junto aos escolares, e chegou a um dado que confirma a validade da experiência: a incidência da deterioração nos den-

tes é sempre maior nos bairros onde o serviço de água é recente e a densidade de migrantes é maior. Assim, segundo o levantamento, a escola do Parque Industrial, apresentou uma média de 3,8 dentes cariados por crianças, enquanto na do bairro Boa Vista o número foi de 6,07. O Parque Industrial é um bairro antigo de Campinas, enquanto Boa Vista é formado por operários migrantes e foi beneficiado com saneamento básico somente este ano. A mesma pesquisa feita no parque infantil do distrito de Barão Geraldo e no tradicional Taquaral, mostrou índices diferentes. Enquanto no distrito, que passou a receber água fluoretada somente em 1980, a incidência era de 5,15 dentes por criança, no Taquaral constatou-se apenas 2,99.

Existem diversas formas de aplicação do flúor, entre elas os bochechos (recomendados aos alunos de escolas estaduais) e comprimidos receitados pelos dentistas. Mas a adição nas águas de abastecimento das cidades é o método mais adequado, na opinião do cirurgião dentista Sérgio Martinho Cruz, supervisor regional odontológico da Secretaria de Educação do Estado, “porque beneficia a todas as crianças, sem distinção de ordem econômica, social e educacional, sem esforço das mesmas ou dos pais”.

O sistema é barato (Cr\$ 7,50, por pessoa, anualmente), é seguro (até 1 ppm não produz efeito tóxico) e cerca de 80% do produto é eliminado através da urina, fezes e transpiração. As grávidas eliminam quantidade menor, o que prova que o feto absorve o elemento, que irá atuar na futura formação dentária. A dosagem a ser usada na mistura com a água é variável conforme o clima da região. Uma cidade onde esse registro for de 21,5 a 26,2 graus centígrados, como Campinas, a concentração ideal é de 0,8 partes por milhão.

Como todas as inovações, ainda existem alguns preconceitos com relação ao flúor, especialmente pelo fato dele ser usado como aditivo em raticidas e inseticidas. Os técnicos lembram à essas pessoas que o cloro é um gás mortífero, em sua forma original, mas é utilizado para a purificação da água. Outros temem um acidente na estação de tratamento, que tornaria a água tóxica. Mas para uma pessoa se contaminar, seria necessário a ingestão num copo d'água de 450 ppm, o que equivale a um erro considerado impossível pelos técnicos.

Campinas aplica 190 quilos de flúor por dia, na forma química de fluorsilicato de sódio, importado da Bélgica, para uma população de 700 mil habitantes, que consome 180 milhões de litros de água por dia. Quase toda a área urbana é servida por água com flúor, inclusive as favelas, que contam em sua maioria com **torneiros** de uso coletivo.

**MUDE A CARA DE  
SEUS NEGÓCIOS  
VENHA PARA AS CORES  
DE ATO**

\* Wilson Marini é reporter de O Estado de São Paulo em Campinas.





Av. Francisco Ferreira Lopes, 1304 - PBX 469.9244  
MOGI DAS CRUZES - SAO PAULO

Rua Cel. Souza Franco, 382 - Fone: 469.0900



o melhor atendimento  
a maior variedade  
o melhor estacionamento  
e o melhor preço  
com a maior facilidade.

VENHA FAZER-NOS UMA VISITA E COMPARE



# Caldeirão... Caldeirão... Caldeirão... Caldeirão... Caldeirão



**WALDEMAR COSTA FILHO** - "Então, pedi licença pro D. Emílio e mandei a turma do PMDB à (\*).



**ESTEVAM GALVÃO DE OLIVEIRA** - "Falem pros papais votarem em mim; vocês podem votar no Maurício, tá".



**PADRE MELLO** - "Quero afirmar que se caírem as sublegendas prá prefeito, o candidato único sou eu, com ou sem aviso do Waldemar".



**ORNELLAS, O ETERNO CANDIDATO:** "Deus descansou no sétimo dia. Eu estou ainda na quarta".



**EDISON CONSOLMAGNO, PRESIDENTE DO PDS:** "Esse pacote tá mais complicado que candidatura de japonês".



**OLAVO CÂMARA, CANDIDATO DO PDT** - "Juro por Deus, que hei de fazer de Mogi uma democracia".



**NOBOLO MORI** - "Na nossa bandeira tem amarelo, eu sou amarelo, então posso ser candidato, né?"



**PAULO MACHADO - CIESP-NGK:** "O Ângelo não conhece japonês. Se fosse eu, ofereceria 100 bolinhos de arroz e garanto que ele diria "Arigatô".



**MARIO BERTI, DO PT:** "A rapaziada tem me ajudado muito, para "manter" o nosso diretório. É mole?"



**ÂNGELO ALBIERO, PRESIDENTE DO CIESP:** "Ofereci 300 votos pro "japonezinho" e ele "tirou a faca". Acho que achou pouco."



**CARLOS GARCIA, DO PMDB/PP:** "Fusão ou confusão, com os votos do Montoro e a grana do Setubal, o "Carijô" aqui vai cantar grosso."



**LAÉRCIO DA SILVA DO PT:** "Vocês repararam que o Lula copiou meu visual?"



# ...Caldeirão...Caldeirão...Caldeirão... Caldeirão...



**MAURÍCIO NAJAR** — “Agora estou mais calmo. Mas na hora, fiquei “assim”, quando soube da falsa candidatura do Estevam”.



**IVAN SIQUEIRA** — “Calma pessoal, tem lote prá todo mundo. Agora não se esqueçam, preciso de 11 mil votos, tá”.



**JOSÉ MARIA, INAUGURANDO A “8ª MARAVILHA DO MUNDO” (SEMAE DE BIRITIBA):** “Prometo que a partir de hoje, a água nossa não terá mais cheiro de minhoca”.



**BOY, O MODESTO** - “Vocês tinham que ver a cara do meu pai quando ele ficou sabendo que eu tenho mais prestígio do que ele”.



**ELIAS TOMÉ, VEREADOR DE BIRITIBA:** “O Zé Maria que me desculpe, mas essa água continua com gosto de minhoca”.



**JACOB LOPES, DO PMDB:** “Estou escrevendo pro Jânio o seguinte: Se ele ganhar do Montoro, fico compadre dele.”



**LUIZ TEIXEIRA, O REQUINTADO:** “Em primeira mão, quero dizer para o papai Arnóni, Roberto Escobar e aos ouvintes da Metrô, que “infelizmente”, serei novamente tesoureiro da campanha do Padre do Chico Nogueira.



**JOSÉ VALDOMIRO, O DIÁCONO:** — “Como candidato a vereador - e como católico praticante - estou aceitando até voto de castidade.”

- E para encerrar o ano, o recado do mais novo empresário de comunicações do Brasil, **MÁRCIO DE PAULA:** “Aos meus colegas, **SILVIO SANTOS, ADOLPHO BLOCH, VICTOR CIVITA, JOÃO SAAD, ROBERTO MARINHO, JULIO DE MESQUITA NETO, e OCTAVIO FRIAS,** devo dizer que a partir de 82 estarei implantando a **REDE ATO de JORNAL, RÁDIO E TELEVISÃO.** Um Feliz Ano Novo e uma honesta concorrência.”





Por ela, durante 27 anos, passaram muitos dos nomes mais conhecidos da Mogi de hoje. Ninguém jamais se esqueceu da velha mestra.

PERSONAGEM

## A professora de Mogi

*Aos 87 anos, ela ainda não perdeu o entusiasmo, aquela mania antiga de viver ensinando todo mundo.*

**E**ncolhido, cheio de medo, o pequeno aluno esperou o momento exato para sair, correndo daquela sala de aula onde uma professora magrinha, de óculos e conhecida em toda cidade por sua autoridade, começava mais um dia de trabalho. Fugiu rapidamente e atingiu sua casa, a poucos metros da escola, escondendo-se sob o fogão. Pouco depois era encontrado pela professora que o convenceu a voltar para a escola — não seria castigado com a temida palmatória, prometeu. Hoje, após muitos anos, o aluno fujão Jacks Grinberg confirma a travessura e a atuação da professora Jovita Franco Arouche, 87 anos no próximo dia 18 de janeiro.

Formada pela Escola Normal Primária do Braz, em São Paulo, dona Jovita como é chamada até hoje, iniciou-se no magistério num lugarejo muito pobre e quase sem recursos, o bairro dos Freitas, em São José dos Campos, onde uma pequena sala de aula foi instalada perto de uma capela. Ali, ela chegava de charrete, enfrentando sol e chuva para ensinar a seus alunos, muitas vezes interrompendo as lições para socorrer as crianças de uma cobra ou aranha venenosa, ou ainda para receber, muito feliz, ovos, frangos, farinha de milho e rapadura dos agradecidos pais dos alunos. Um ano depois ela se despedia, deixando para traz “muita gente boa e humilde chorando”, mas pronta para enfrentar a no-

meação conseguida para o Grupo Escolar Coronel Benedito de Almeida, em Mogi das Cruzes.

**APOIO MORAL** — Foi lá que, durante 27 anos, até se aposentar, em 1957, ela se responsabilizou pelo 4º ano primário, tendo como alunos nomes hoje conhecidos em Mogi, como o deputado estadual Maurício Najar, os promotores José Eduardo Arouche de Toledo e José Carlos Machado Teixeira, os engenheiros Roberto Luiz Arouche de Toledo, José Carlos Franco, os médicos Benedito Laporte da Motta, Wilmes Roberto Teixeira, Massaharo Horigoshi, Cláudio de Oliveira Borba, os advogados Ricardo Arouca, Alfredo Grisaro e aqueles que se apaixonaram pela profissão da mestra e a seguiram: as professoras Nyssia de Freitas Meira, Veroca de Lima, Maria do Amparo Brasil e o professor José Cardoso Pereira.

Reconhecendo as dificuldades que a maioria dos alunos possuía nos exames de admissão ao ginásio, Jovita Franco Arouche se desdobrou e montou o seu Curso Preparatório Sagrado Coração de Jesus, reconhecido oficialmente em 10 de setembro de 1942 e que funcionava na rua José Bonifácio 248, ao lado da antiga sede da Prefeitura mogiana, hoje demolida, como guarda na memória.

“Era um corre-corre” — conta ela hoje cheia de saudades, lembrando os lanches rápidos que era obrigada a fazer,

alimentando-se mal, mas cumprindo a obrigação de chegar, sempre, pelo menos dez minutos antes do início das aulas, pontualidade que exigia também de seus alunos, “muitos não cumprindo, como a minha aluna Valéria Alabarce, sempre atrasada”.

Ao se aposentar no Coronel Almeida em 1957, dona Jovita continuou com o curso de admissão ao ginásio até a metade dos anos 60, preparando seus alunos para o temível exame no Instituto de Educação Dr. Washington Luiz. Ia até o local das provas com suas crianças “para dar um apoio moral àqueles que ficavam nervosos e que nem conseguiam sair de casa no dia do exame”, como aconteceu com a aluna — hoje médica —, Jane Carneiro.

**REGRA DE TRÊS** — O ensino daquela época era “muito mais puxado”, mas dona Jovita não gosta muito de fazer comparações mais detalhadas. Principalmente por temer a reação das professoras de agora, embora até hoje seja proeurada por filhos e até netos de ex-alunos que a procuram na confortável casa da rua Coronel Souza Franco em busca de explicações.

Mas, por alguns poucos comentários, ela deixa transparecer sua indignação com os métodos e currículos modernos. Logo ela que, no quarto ano primário, já ensinava aos pequenos alunos noções de câmbio, juros, porcentagem e regra de três. “Hoje nem tarefa de casa as professoras dão. Os alunos só vão aprender tudo isso no colegial ou na faculdade.”

Dona Jovita, uma mulher que solteira tinha o sobrenome Batalha Franco e que ao se casar com um primo de segundo grau tornou-se Franco Arouche, continua, segundo um de seus netos, com a mesma e rotineira preocupação: o estudo e o trabalho. É por isso que, quando não está conversando com algum ex-aluno, com o amigo Chiquinho Verissimo, ou almoçando na casa de Ester, sua filha única, fatalmente será encontrada ensinando a uma criança qualquer “alguma lição mais difícil”, vocação da professora de Mogi.

VANICE ASSAZ

ATO, JANEIRO/FEVEREIRO DE 82



CORRIDA

## Lotes rareando

A construção da rodovia Mogi-Bertioga, iniciada há dois anos, já provocou um formidável, incomum aumento nos investimentos imobiliários em praias do Litoral Norte. Afinal, vendeu-se tanto terreno que a grande maioria das imobiliárias mogianas, beneficiárias dessa "corrida", já estão prevenindo para breve uma certa dificuldade de se encontrar lotes a bons preços.

Assim, quem já tinha terrenos nas praias de Bertioga e aproveitou para vender, ganhou um bom dinheiro, o que ocorreu também com quem está comprando agora. "São 39 km de praias aproveitáveis para lazer e investimento; mais um pouco e poderá até não haver mais terrenos à venda", proclama Cláudio Pera, corretor da Argentina Empreendimentos Imobiliários, corretora mogiana há algum tempo em Bertioga.

Lá, a Argentina vende o "Morada da Praia", loteamento que deverá ter infraestrutura completa, com ancoradouro para barcos, quadras de esporte, piscina, portaria de controle de visitantes e água, luz, esgoto. São 3.400 lotes com metragem mínima de 500 m<sup>2</sup>, 40% deles vendi-

# VISTA LINDA

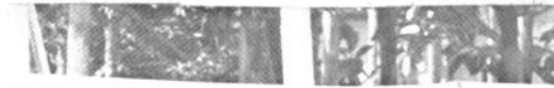
APROVADO DEC. LEI 59 E 107/84

em 50 meses s/ juros e CORREÇÃO MONETÁRIA

## ESCRITÓRIO NA PRAIA

OU RUA DA CONSOLAÇÃO 329 - 6º AND. - C.J. 610  
FONES: 257-5143 256-6735 - S. PAULO

VENDAS AQUI



## ENDE:CE LOTE: E. GUARANDÓS

Bertioga: quem comprou está ganhando.

dos nos meses de agosto e setembro. Vende-se, atualmente, 30 lotes por mês.

De fato, diz Roberto Escobar, corretor da De Paula, uma nova e eficiente imobiliária da cidade, "quase todos estão comprando para construir e não como investimento". Caso contrário, prossegue, os preços de dois anos atrás não teriam quadruplicado, nem, tampouco, o número de loteamentos.

Não são todos, porém, que pensam da mesma forma. Jairo Fernandes de Lima, gerente do departamento de Vendas da Imobiliária Silvio Ramos, explica que suas vendas de terrenos no litoral ainda não começaram pela simples razão de ainda não haver acesso fácil a Bertioga. Esse, tam-

bém, é o argumento de Conrado Tadeu de Gennaro, gerente da Sancil. "Talvez com a abertura definitiva da estrada começemos a trabalhar em cima disso", diz vagamente.

As casas de material de construção observam, entusiasmadas, a grande movimentação que ocorre em Bertioga, mas, por motivos óbvios, ainda não entraram na corrida — afinal, para construir na baixada, é preciso ter a estrada pronta, pois o caminho atual encarece bastante o custo do material. Enquanto isso, na própria Bertioga, muitos estão saindo na frente: montaram lá seus depósitos de materiais.

BETH COSTA

# Revesti-Mogi

"CERTEZA DA MELHOR QUALIDADE"

CARPETES

PAPEL PAREDE

FORRAÇÕES

PORTAS SANFONADAS

FORROS E DIVISÓRIAS

BOX

CORTINAS

ARMÁRIOS MODULADOS

PERSIANAS

PAVIFLEX

ESTOQUE PARA PRONTA ENTREGA

EQUIPE DE COLOCADORES ESPECIALIZADA

LOJA - RUA BARÃO DE JACEGUAI, 457 - 469-4844/4894  
DEPÓSITO - AV. ANTONIO MARIA DE SOUZA, 175  
469-6882 - MOGI DAS CRUZES - 08700 - S.P.



EBOLI - PARTICIPAÇÕES  
E SERVIÇOS IMOBILIÁRIOS

Projetos Comerciais e Residenciais  
Administração e Execução  
Administração de Bens

Arquiteto Responsável - Vânia Eboli  
C.R.E.A. nº 64.626/D

Pça. João Pessoa nº 38 - 2º and. - s/6  
Tel.: 469-9814 - Mogi das Cruzes - SP

## Luxo no campo

*Na área rural, espaço para lotes sofisticados*

A paisagem rural de Mogi das Cruzes está mudando. Desde que a cidade construiu seu acesso à Via Dutra — e depois quando decidiram-se ligações importantes como a Via Leste e a Mogi-Bertioga —, diversos grupos imobiliários passaram a procurar essas áreas para instalar loteamentos, de alto padrão, três deles já definidos e ocupando mais de 3 milhões de metros quadrados na zona rural.

O mais antigo desses loteamentos, a **Fazenda Capelinha**, pertence ao grupo financeiro do Banco Auxiliar de São Paulo, e ocupará 620 mil metros quadrados ao Norte da cidade, na altura do km 55 da Mogi-Dutra, na serra do Itapeti. Lá, talvez por não acreditar numa ligação rápida de Mogi com a Capital, prevista em projetos sempre engavetados, a Fazenda Capelinha, deixou de providenciar exigências de infra-estrutura requeridas por uma lei federal, baixada pouco depois de o projeto ter sido enviado à Prefeitura. É que o loteamento não contava com áreas para serviços comunitários como escola, centro de Saúde, lazer, espaços verdes, água e esgoto.

**DEFENDENDO O VERDE** — O outro grande loteamento de nível elevado já esperava, sem dúvida, a chegada a Via Leste e a construção da Mogi-Bertioga. O **Residencial Parque das Flores**, empreendimento que a Vincel - Vendas, Compra e Loteamentos de Imóveis Ltda. tem projetado para o sopé da serra do Itapeti, próximo ao bairro do Botujuru, na estrada Mogi-Guararema, terá 615 mil metros quadrados e já foi aprovado pela Prefeitura, que o recebeu um ano atrás. Falta, no momento, apenas a autorização da Secretaria dos Negócios Metropolitanos.

Estes projetos de urbanização rural, garantem técnicos da Prefeitura, asseguram a preservação da área loteada, aspecto importante para uma cidade como Mogi que necessariamente deve preservar o verde que ainda tem, o que já não ocorreria com loteamentos populares, por provocarem maior devastação, pois destinam-se a um número superior de pessoas. Por isso — e principalmente porque exigem do poder Público investimentos em infra-estrutura — é que projetos para níveis de baixa renda enfrentam dificuldades muito mais se-

veras por parte da Prefeitura que acaba restringindo sua aprovação.

Não é, sem dúvida, o caso do terceiro e maior loteamento de alto padrão, que deverá ocupar quase 2 mil metros quadrados ao Sul do município, na divisa de Mogi com Santo André, destinando-se, provavelmente, a compradores das cidades do ABC, por sua proximidade. Se realmente



Mogi: tempo de lotes finos

vingar, seus terrenos fatalmente terão preço superior aos dois outros da Serra do Itapeti, e, inclusive, aos lotes mais privilegiados da região de Taiacupeba, onde muitos empresários mogianos construíram luxuosos sítios.

LENILDE PACHECO

BOOM

## A Guerra do m<sup>2</sup>

*Em quatro anos quadruplica o número de imobiliárias*

**O**s dados são surpreendentes: nos últimos cinco anos, o número de imobiliárias em Mogi das Cruzes mais que quadruplicou, passando das 13 existentes em 1976 para as 41 que disputam, arduamente, hoje, o valorizado metro quadrado mogiano — em disparada basicamente devido ao surgimento de três importantes — e totalmente distintos — bairros. Assim, a Vila Oliveira, o Mogilar e o Mogi-Moderno aparecerão em qualquer análise que se faça para explicar o expressivo *boom* que fez saltar o preço dos terrenos e elevar em 215% o número de imobiliárias.

Na raiz desse crescimento vertiginoso está a inflação, responsável principal pela valorização da noite para o dia de imóveis que, algum tempo depois, acabavam forçando lamentos do tipo: "Por que não comprei?" É o caso, por exemplo, de uma casa não comercializada na Vila Oliveira em julho de 80, quando se pedia Cr\$ 1,3 milhão. Seis meses passados, em janeiro de 81, ela foi negociada por Cr\$ 3,4 milhões, para o arrependimento dos que tiveram a chance, mas não a aproveitaram.

Assim, não é de surpreender o fato de, há cinco anos, na Vila Oliveira, o bairro nobre da cidade, o metro quadrado custar apenas "Cr\$ 200,00, e, hoje, variar entre 3 e 6 mil cruzeiros. Isso significa que os valores vêm dobrando ano a ano desde 1976. Significa, também, que há outro fator alimentando essa alta — já não existem muitos terrenos disponíveis. Na Vila Oliveira, por isso, os lotes são caríssimos nas ruas Sérgio Plaza, João Batista Julião, Agostinho Caporali e Francisco Assis Monteiro de Castro, caindo à medida em que se aproximam da parte baixa do bairro, onde o luxo faz divisa com a miséria total — os barracos do Jardim União, uma favela.

**BREJO VALORIZADO** — No Mogilar, um bairro de classe média, os indicadores são semelhantes — os preços saltam velocemente e a oferta de áreas livres decresce também em ritmo acelerado. Há 20 anos, o local não passava de um grande, imenso terreno brejoso que anualmente sofria catastróficas inundações. Hoje, 10 m x 35 m custam Cr\$ 1,4 milhão. Ou Cr\$ 4 mil o m<sup>2</sup>.

A situação se repete nos populosos bairros do Mogi-Moderno, Braz Cubas e Jundiapéba, com uma diferença: Braz Cubas ainda oferece quantidade razoável de terrenos, enquanto Jundiapéba apresenta o seríssimo problema de construção em áreas alagadiças, apesar dos insistentes alertas da Prefeitura. É o desespero das



Imobiliárias: crescendo com o m<sup>2</sup>

classes de baixa renda que, ao comprar seu lote para pagar em inesgotáveis prestações, querem a qualquer custo ver pronta a casa própria.

Nada disso tudo, porém, se compara ao que ocorre no centro da cidade, campeão disparado do metro quadrado mais caro. Na avenida Voluntário Fernando Pinheiro Franco, por exemplo, onde se localizam as principais agências bancárias da cidade, o metro quadrado pode, tranquilamente, custar Cr\$ 75 mil. Seu valor é tão alto que, não faz muito, o Banco Real alugou a mansão da família Horácio de Oliveira, demoliu uma vivenda em estilo mexicano para construir, sem ônus para os proprietários, as novas instalações da agência.

FÁTIMA FONSECA



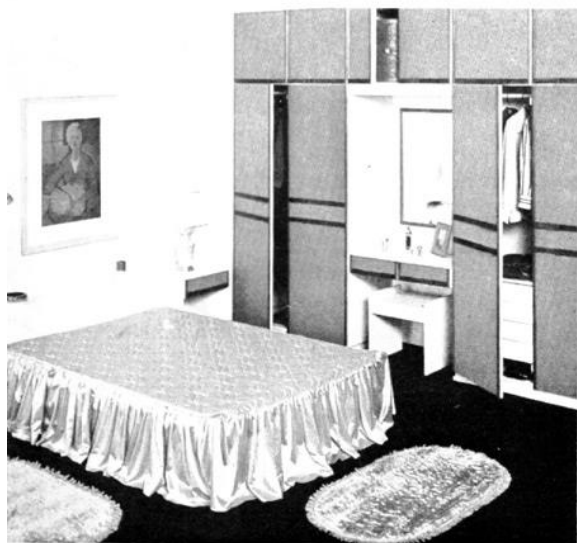


## Com os armários embutidos Vogue fica difícil limitar a imaginação.

*Nada melhor do que poder contar com uma variedade tão grande de detalhes, componentes e acessórios como a oferecida pelos armários embutidos Vogue: gaveteiros, maleiros, calceiros, nichos, penteadeiras, pórticos, tudo o que você pode imaginar.*

*Eles são fáceis de lavar, e as gavetas e calceiros têm corrediças de nylon para garantir silêncio total. Num armário embutido Vogue tudo é planejado para facilitar a sua vida.*

*Venha até a MODULLARE e comprove hoje mesmo, detalhe por detalhe, todas as incríveis qualidades de um armário embutido Vogue.*



**Modullare**

R. Cel. Souza Franco, 1048  
Tel. 469-2455  
Mogi das Cruzes - SP.



TENDÊNCIA

## Graças à crise

*As motos já são 1/5 dos veículos da cidade*

Nos últimos quatro anos — e de forma sempre crescente — as concessionárias de motocicletas em Mogi das Cruzes venderam a maior parte da frota de 6 mil motos hoje existente na cidade,

explosão que deve necessariamente ser vinculada às constantes altas da gasolina, e, também, à grande oferta registrada depois que fábricas estrangeiras começaram a produzir no Brasil — fugindo das barreiras alfandegárias que proibem a importação, mas nem por isso facilitando o consumidor nacional, ainda pagando muito mais caro que compradores de outros países.

Para se ter noção do crescimento desse mercado, basta dizer que as motos em Mogi já representam 1/5 de todos os outros veículos registrados na cidade, situação totalmente compatível com a posição



nacional no setor: atualmente, o Brasil é o quinto maior consumidor mundial, basicamente porque fábricas japonesas, espanholas e italianas passaram a montar aqui seus produtos.

Assim quando o consumo mogiano começou a crescer, novas revendedoras surgiram para fazer companhia à tradicional *Moto Ito*, que vende a marca Yamaha há 12 anos em Mogi. A *Cotac*, por exemplo, iniciou suas vendas da Honda em 77 e a *Maremoto*, representante das fábricas Montesa, FBM e Tork, em 78. Nenhuma delas parece queixar-se do setor, onde os financiamentos não são difíceis e, agora,

também na cidade, surgem os consórcios com prazo de até 50 meses para pagamentos.

Não afetados pelas altas nos preços da gasolina, os condutores de motos têm que se preocupar apenas com gastos de revisão e manutenção, onde um diagnóstico preventivo varia entre Cr\$ 2.500,00 para uma de 50 cilindradas, e Cr\$ 14.700,00 numa possante Honda 1000, preços cobrados pela *Moto Tchans*, uma das melhores oficinas especializadas da cidade que trabalha com todas as marcas.

KIKO DE PAULA

# 2 VESTIBULAR

## ● PSICOLOGIA

Licenciatura-Bacharelado  
Formação de Psicólogo

## ● CIÊNCIAS SOCIAIS

## ● LETRAS

Português-Inglês

## ● ADMINISTRAÇÃO

Empresas e Pública

## ● ESTUDOS SOCIAIS

Educação Moral e Cívica

## ● PEDAGOGIA

Administração, Supervisão  
Escolar, Orientação  
Educativa e Magistério

Inscrições até  
15/01/82

CURSOS RECONHECIDOS

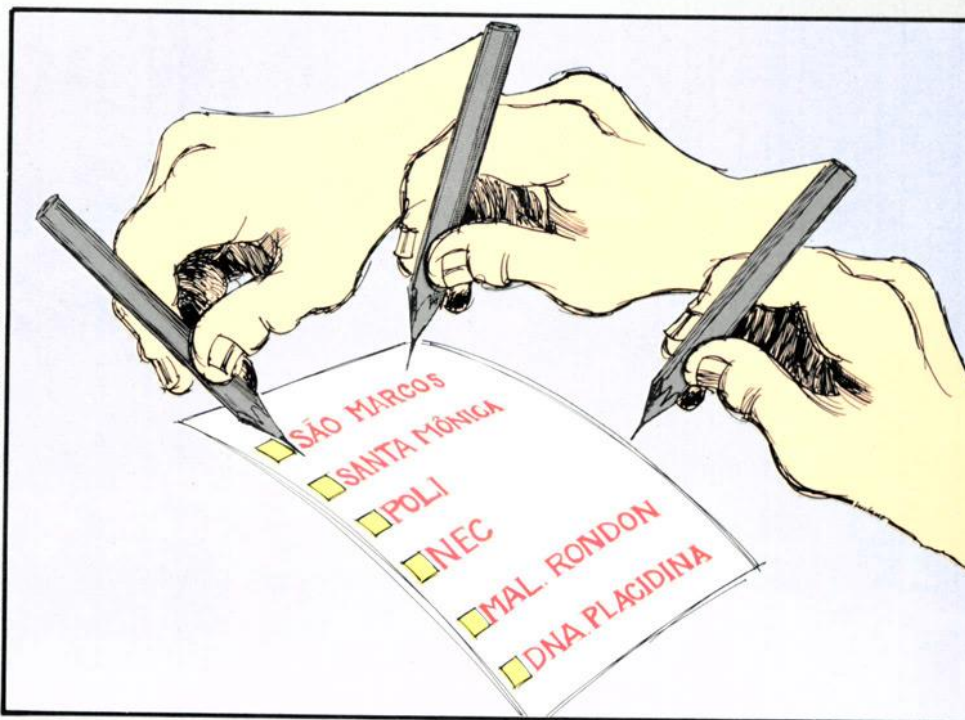
# FACULDADES SÃO MARCOS

Av. Nazaré, 900 - Ipiranga - Fone: 274-5711



*Nas próximas sete páginas, ATO apresenta todos os dados e informações básicas sobre os principais, melhores colégios de Mogi das Cruzes. É um serviço que a revista presta aos seus leitores neste início de ano, época em que, tradicionalmente, surge dúvida de difícil solução: onde matricular os filhos? Por Maria Inês de Camargo.\**

ILUSTRAÇÃO: LUCIANO DIAS PIRES FILHO



## A ESCOLA DE SEUS FILHOS

**D**urante duas semanas, ATO visitou os seis principais colégios da cidade, onde procurou levantar as informações que todos os pais querem saber no momento de decidir onde seus filhos irão estudar. Nesse levantamento, em que os diretores entrevistados falaram sobre o funcionamento, o que pretendem e qual a linha educacional dessas escolas, há informações importantes - grande parte delas inicia cursos novos em 1982, ampliando ainda mais suas estruturas.

Os colégios reunidos nesta reportagem são o Instituto Dona Placidina, o São Marcos, Policursos, Santa Mônica, Rondon e NEC, todos com seus planejamentos prontos para 82. As matrículas estarão abertas durante todo o mês de

janeiro, com mensalidades já definidas para as aulas que se iniciam em março. Numa cidade universitária como Mogi das Cruzes, uma das preocupações básicas é levar o aluno direto para faculdade sem necessidade de passar por cursinhos. Se esse é um ponto comum, a forma de realizá-lo é diversa.

Varia de uma escola para outra, e nem sempre os métodos são iguais ou tampouco é a mesma a filosofia de ensino. Ela costuma sofrer influência da experiência de cada diretor e dos modelos educacionais por eles seguidos. Nos cursos de primeiro e segundo grau, como também na pré-escola, esses colégios têm suas diferenças - a maneira própria de encarar o aluno; e o esforço dedicado à sua formação.

Do levantamento, consta ainda uma relação completa de informações importantes sobre todos os cursos, seus preços, taxas, fornecimento de lanches e material. O resultado desse trabalho é bastante animador - preocupa-se, cada vez mais, com a Educação, esse importante e vital setor da vida do país. ATO lamenta, no entanto, não ter tido acesso ao Liceu Braz Cubas, onde esteve duas vezes, na última delas não conseguindo sequer passar dos portões de entrada. "Aqui, repórteres não entram por ordem da direção. Vocês não imaginam a confusão que houve, ontem, depois que vocês saíram daqui", explicou um porteiro, referindo-se à primeira vez que repórter e fotógrafo foram ao Liceu Braz Cubas, quando deixaram acertada sua volta no dia seguinte pela ausência do diretor.

\* Maria Inês de Camargo é repórter do Jornal da Tarde





## O Placidina, ensinando desde o início do século.



A ESCOLA DE SEUS FILHOS

Cada aluno das oitavas séries recebe um tema para ser apresentado durante as aulas de Geografia. No dia marcado, este aluno vai tomar o lugar da Irmã Conceição, no centro da classe, enquanto a professora, calmamente, senta-se junto aos demais estudantes. Esta apresentação pode acontecer também no Salão Nobre do Instituto Dona Placidina, onde o aluno-professor terá de enfrentar até microfones.

“Os alunos precisam perder esta timidez da adolescência e encarar os colegas. Esse é um jeito eficaz de desinibi-los, porque torna-se um desafio. Eles aprendem a coordenar o pensamento e a falar em público”, garante a Irmã Conceição, professora de Estudos Sociais”.

E este método da Irmã Conceição, há 14 anos no Instituto Dona Placidina, vem rendendo resultados: no final do ano, todos os alunos das oitavas séries já estão aptos para o teste, disputando a vez para expor seus trabalhos. Mas desde outubro passado, Irmã Conceição não está podendo mais acompanhar, diretamente, seus alunos: ela está exercendo a diretoria do colégio, enquanto a diretora titular, a Irmã Clara, viaja pela Itália.

Fundado há 67 anos, o Instituto Dona Placidina ocupa um sólido casarão na rua Senador Dantas, no centro de Mogi. Por seus longos corredores, suas portas altas, sua escadaria de mármore e suas paredes brancas, onde se pode ver uma reprodução da “Pietà” de Michelângelo, já circularam várias gerações de estudantes. Comandado pelas Irmãs Ursulinas da Sagrada Família, o colégio teve, durante os



Irmã Conceição: perdendo a timidez.

anos de 1914 a 1936, outro endereço - a rua Padre João, 1.

Nestes anos todos de tradicionalismo - diz a Irmã Conceição - o Instituto Dona Placidina (nome concedido em homenagem à mãe de um de seus fundadores, o Padre João) tem seguido os quatro pontos de sua filosofia: 1) Encarar o homem como ser livre e responsável por seu destino; 2) O homem como ser criativo e crítico, capaz de dar resposta transformadora ao momento histórico em que vive; 3) Um ser sujeito da história marcada pelos aspectos

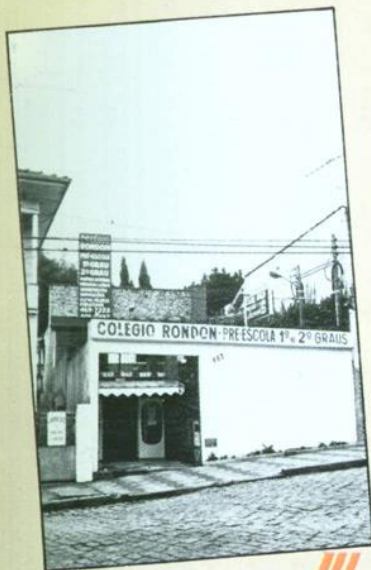
de Deus Salvador; 4) Um ser solidário nos valores fundamentais de todos os homens. Na prática - continua a diretora substituta - os 1007 alunos do Instituto, divididos em classes que vão desde o jardim de infância até o 1º grau completo, vivem a filosofia do colégio. E isto até mesmo sem sentir, como por exemplo, aceitando e enfrentando o “desafio” proposto nas aulas de Estudos Sociais.

Por ser um colégio católico, há aulas de Religião desde o jardim de infância. Os alunos não católicos, que são muito poucos, devem permanecer nas salas durante as aulas, mas são dispensados dos cultos e missas. “Segue-se a visão geral do catolicismo, ensinando que a religião faz parte da formação das crianças porque o espírito não pode ser separado do corpo”.

Na pré-escola os alunos do Instituto passam pela fase da prontidão para a alfabetização que só será feita na primeira série. Os alunos da pré-escola têm aulas de Inglês, que são mantidas também durante as primeiras séries do 1º grau. Há ainda aulas de Educação Física para os pequenos, enquanto as turmas de 5ª a 8ª séries podem optar por aulas de Atletismo e Natação, no Clube Náutico Mogiano.

Segundo Irmã Conceição, outra característica do colégio é “procurar sempre um diálogo com o aluno”. Antes de chamar os pais por qualquer motivo de indisciplina são tentadas as conversas particulares com o aluno. Irmã Conceição pede explicações para as atitudes do aluno e garante que até hoje não teve decepções: “Em 14 anos de experiência apenas três alunos mentiram para mim. O aluno percebe que, ao ser tratado com respeito, o professor está tentando compreendê-lo e ajudá-lo em seu problema”.





## Vestibular, assunto de um ano inteiro.



Sasso: o Rondon está crescendo.



Sabendo que o aluno do curso colegial está preocupado com os vestibulares, o Colégio Rondon

que, em 1982, completa nove anos de funcionamento, não teve dúvidas: resolveu investir nesta necessidade de "entrar para uma faculdade" e criou um colégio voltado para esta perspectiva. Desde o primeiro ano do colegial o aluno recebe, mês a mês, material apostilado contendo testes e questões pedidas em vestibulares anteriores. São feitos exames simulados, recriando o mesmo ambiente do vestibular: provas com prazo rigoroso para terminar, vigilância e preenchimento das respostas em fichas óticas para a leitura do computador.

— "Este é um pré-universitário. A meta é colocar os alunos na faculdade, seguindo como padrão a Fuvest", explica, orgulhoso, o diretor Benedito Wanderley Sasso, um professor de Biologia Educacional.

Nas duas primeiras séries do colegial são concentrados todos os programas das disciplinas, deixando para o terceiro ano, chamado de "terceirão", a revisão e o reforço para fixação das matérias. O colégio firmou também convênio com o COC (Curso Osvaldo Cruz), de Ribeirão Preto, utilizando seus testes e apostilas. O emprego de apostilas, no entanto, não significa o abandono do livro didático tradicional ou das pesquisas bibliográficas.

"A vantagem da apostila" - diz Sasso - "é que ali consta o conteúdo mínimo que todo aluno deve saber de cada disciplina. O aluno não fica limitado à apostila; ele de-



ve ler várias obras literárias e fazer fichas de leituras desde o primeiro ano do colegial".

Com esta preparação voltada para o vestibular, os alunos do Rondon não precisam fazer cursinhos. O colegial possui habilitações técnicas em Patologia Clínica, Prótese Dentária, Agrimensura, Edificações, Eletrotécnica e Publicidade, com duração de quatro anos. Porém ao concluir o "terceirão" o aluno está apto para prestar vestibular, já ostentando um certificado de "auxiliar de técnico".

Com a conclusão do quarto ano, o estudante será habilitado como "técnico" e com o curso de Prótese Dentária completo, por exemplo, poderá obter registro no Conselho Regional de Odontologia. No Laboratório de Patologia Clínica, os alunos trabalham com instrumentos delicados, desde microscópios até centrifugadoras para exames de sangue. Periodicamente, como trabalho escolar, as turmas de Patologia percorrem os setores mais carentes da cidade, fazendo exames gratuitos de sangue, urina e fezes, com a supervisão de seus professores.

Há seis meses, o Rondon mudou-se para uma ampla casa da rua Ipiranga,

reformando-a para receber a partir deste ano as suas novas turmas de pré-escola e de 1º grau. O *playground* do jardim da infância, para crianças a partir de seis anos, já está montado e ainda será ampliado com a formação de um mini-zoológico. De início, funcionarão apenas as duas séries iniciais do 1º grau, além de uma turma de 5ª série. No novo curso, a preocupação do Rondon, será "criação integral de personalidade da criança, formando pessoas responsáveis, criativas e conscientes".

As classes de pré-escola e 1º grau foram decoradas com painéis e pinturas feitas pelos alunos do colegial Publicidade. Para a pré-escola, o Colégio Rondon fez outro convênio e deverá utilizar um material didático já experimentado na Organização Positivo de Ensino, do Paraná. Nas novas instalações (haverá um portão para a saída da pré-escola pela rua Lara, onde há menos trânsito do que na rua Ipiranga), os alunos terão à disposição cerca de dois mil metros quadrados de área verde. "Além disso, fiz questão de mandar fazer uma área coberta para que as crianças possam brincar aqui fora, mesmo em dias de chuvas, sem perigo de molhar-se". Até agosto, o Colégio Rondon deverá inaugurar o curso maternal, que aceitará crianças a partir de três anos. ▶



# POLI

## Fazendo do estudante um adulto responsável.



Marlene: não se pega mais na mão.



Durante dois determinados dias no mês de novembro, quem passou pelo prédio da

Avenida Voluntário Fernando Pinheiro Franco e procurou pelos diretores do Colégio Policursos teve uma surpresa: calmamente, a diretora pedagógica Marlene Alabarce Mayer dos Santos, e o diretor Alberto Borges, além de todo o corpo docente, tomavam café na sala dos professores, aproveitando o período escolar para longos bate-papos.

Atrás das mesas da diretoria, atendendo telefonemas, chamando alunos para explicações, estavam jovens de 16 a 18 anos, exercendo um novo papel, pois passaram de estudantes do 3º ano colegial a dirigentes do colégio. Nas salas de aulas, de todos os graus de ensino, os terceiros anistas davam aulas e atendiam dúvidas em Inglês, Português, Matemática ou Biologia. Os professores continuavam em sua sala, tomando cafezinhos e conversando.

Esta experiência, o "auto-governo", é uma das características nos 13 anos de funcionamento do Colégio Policursos, e é parte da filosofia de ensino do colégio, garante a diretora pedagógica Marlene dos Santos: "Nestes dois dias incentivamos o sentido de responsabilidade do aluno, e o sucesso tem sido total, pois os jovens provam sua capacidade e maturidade.

Mais: o auto-governo mostrou que os alunos, quando elevados a funções de

adultos, são mais conservadores, até mesmo em questões disciplinares. "Coisas que nós, diretores, toleraríamos, classificando como criancice" — conta Marlene dos Santos — "os estudantes-diretores não perdoam; chamam o aluno na diretoria, cobrando explicações".

No restante do ano letivo a direção do Policursos volta a ser dos adultos, comandando os 1300 alunos do colégio com classes desde o 1º grau até o colegial. Criado em 1969 como cursinho pré-vestibular, o Policursos começou com o curso colegial e mais tarde passou a atender também as turmas do 1º grau.

Em 1982, vai ser inaugurado o "Polinho" na Travessa Santos Cardoso, onde funcionará a pré-escola, recebendo até 100 crianças a partir de três anos. Na pré-escola, dos 5 aos 6 anos, o aluno passará pelo processo de "prontidão para a alfabetização", consistindo em treinamentos específicos para a discriminação visual e coordenação motora. Haverá também jogos para desenvolver o raciocínio e a criatividade, porque nesta idade o Policursos acha mais importante deixar a criança resolver seus problemas sem a presença de uma superprofessora.

"Acreditamos — diz Marlene — "que a professora não pode mais pegar na mão da criança, dirigir seus movimentos, ensinar a ter letra bonita. Hoje, é mais importante a criatividade; criança precisa sentir-se querida e aceita".

A alfabetização, de fato, só será feita na 1ª série, aos sete anos. No Policursos,

por exemplo, o aluno da 1ª série terá aulas com dona Florinda, uma professora com 34 anos de experiência em alfabetização e que já lecionou em vários colégios de Mogi. "Trouxemos dona Florinda, que já estava até aposentada, porque respeitamos seu trabalho. Em Educação não se pode jogar com o duvidoso; tem-se que jogar para acertar", explica a diretora.

Neste colégio, as recuperações (disciplinas em que o aluno não obteve nota para aprovação), são bimestrais, permitindo ao estudante assistir à aulas fora de seu período normal, uma forma de incentivar o estudo desde cedo, segundo Marlene. "Digo sempre às mães: é preciso colocar os filhos para estudar pelo menos uma hora por dia para criar o hábito".

Por ter iniciado como cursinho, o Policursos também está preocupado com o rendimento de seus alunos no vestibular. Porém, Marlene dos Santos faz questão de lembrar que o aluno começa a se preparar para uma faculdade já no curso primário, consolidando um alicerce firme de conhecimento. O curso colegial é básico no 1º ano. No segundo ano o aluno faz opção profissionalizante em Eletrônica, Mecânica, Química, Edificações, Publicidade, Administração, Secretariado ou Turismo.

O estudante que não pretenda seguir estas carreiras, a nível de 2º grau, pode, por exemplo, fazer o curso de Edificações se quiser prestar vestibular para Engenharia ou Arquitetura. O candidato de Medicina poderá fazer o curso colegial com opção em Química. Nestes casos, além da carga horária tradicional do colegial, haverá aulas das disciplinas profissionalizantes.

No prédio da avenida Voluntário Pinheiro Franco funcionam classes da 5ª série ao 3º colegial na parte da manhã; à tarde, estudam os alunos da 2ª a 6ª series. As classes de 1ª série vão funcionar, em 1982, no prédio da pré-escola. No período noturno, há aulas para o colegial e também um curso supletivo de 1º e 2º graus. ►





## Santa Mônica, respeitando a criatividade dos alunos.



A tinta recente em branco e azul não consegue esconder a elegante beleza do

“Convento do Carmo” - este pequeno prédio de dois andares construído em 1922. Mas em sessenta anos muita coisa mudou: por seus longos corredores não se vê mais os carmelitas rezando. Em seu lugar estão, hoje, os 1200 alunos do Colégio Santa Mônica, que ainda podem observar as marcas do passado: nos tetos restam sinais do desmanche das paredes das clausuras dos carmelitas, retiradas para adaptar o espaço ao prédio escolar, que também já abrigou o Departamento de Letras, da Universidade de Mogi.

Rodeado de fotos de seus alunos e troféus conquistados em competições esportivas, o diretor Percy Benedicto de Siqueira fala de suas preocupações ao fundar o Colégio Santa Mônica, em 1967: “Na estrutura de ensino falta uma formação humanística. O jovem não pode tornar-se um escravo da tecnologia; ele precisa encontrar soluções criativas, daí o colégio “carregar” os currículos por esse lado”.

ATO, JANEIRO/FEVEREIRO DE 82

Parcy, professor de Português desde 1960, julga ser preciso deixar claros alguns pontos “indiscutíveis”: 1) Uma boa formação humanística começa no curso primário; 2) A educação é um investimento a longo prazo e “os países só vão perceber a importância da aplicação de verbas em Educação muitas décadas depois”. E isto diz ele - acaba repetindo-se a nível individual.

Os pais de seus alunos recebem, bimestralmente, um “Boletim Coletivo”, para verificar o aproveitamento de seu filho em comparação com o restante da classe. Assim é possível acompanhar o rendimento de cada aluno e “orientá-lo, ainda a tempo, para as aulas de recuperação, fora do período escolar”. Após a distribuição do Boletim Coletivo as integrantes do Serviço de Orientação Vocacional, do colégio, são encarregadas de procurar os alunos reprovados, para identificar os motivos. “Toda nota baixa tem uma explicação: o aluno pode não ter entendido a matéria ou atravessando fase de problemas pessoais. Tudo isto será apurado pela orientadora”.

Neste momento - 10 da manhã - é hora do intervalo para aproximadamente 700 alunos de cursos desde o jardim de infân-



Percy: “Conheço todos os alunos pelo nome”.

cia até o 2.º grau, e o diretor resolve percorrer as instalações do colégio. Muitas vezes, pára, e resolve conversar com alguns alunos: “Conheço por nome todos os meus alunos. Não sou diretor de gabinete; é no contato diário que percebo como anda a vida do colégio”.

No colegial há duas áreas para opção: Magistério (equivalente aos antigo curso Normal) e Formação Profissional Básica, que oferece um bloco de disciplinas semelhantes ao antigo curso científico. O planejamento do curso colegial - explica o diretor - é voltado para garantir o sucesso dos alunos no vestibular, pois Percy Siqueira é adversário do cursinho simultâneo ao terceiro ano colegial, onde o aluno dispense muita energia além de criar uma obrigação: tem que ser aprovado para satisfazer as expectativas de sua família, o que pode torná-lo inseguro nos próximos exames que prestar.

“Por isso, recomendo sempre calma - o bom aluno está preparado desde o primário para qualquer exame. No terceiro colegial é dado programa especial de revisão além de treinamento para o vestibular - afinal, o objetivo é colocá-lo em uma boa faculdade”.

Na pré-escola, o Colégio Santa Mônica procura “respeitar a criatividade da criança”, incentivando-a a inventar brincadeiras espontâneas e reduzindo a entrega de atividades prontas. “Quando uma criança chega à primeira série ela já passou mais de cinco mil horas diante da televisão, presenciando imagens e ouvindo uma ligação às vezes incorreta. Agiu muito pouco; a escola precisa inverter este ritmo, forçando-a pensar”.





Preparar  
as crianças  
para o  
futuro.



Gabriela,  
uma garota loira  
de seis anos,  
em poucos minutos  
cumpru a tarefa passa-

da por sua professora: montar um quebra-cabeças, onde as peças são as letras do alfabeto, escrevendo palavras como alfinete, palmeira ou anzol. E se alguém pedir, Gabriela lê, com facilidade, as palavras de seu quebra cabeças. De fato, Gabriela foi alfabetizada na classe de pré escola do NEC - Núcleo de Educação e Cultura.

Sentado em sua sala, Marcos Guimarães Schwartzmann, o diretor, explica a filosofia de ensino do colégio criado em 1971, apenas com as turmas de pré-escola: "O que me preocupa é o aprimoramento do ensino. Meus alunos têm que sair daqui preparados para a vida aí fora. Um colégio não pode apenas informar; tem também que formar seus alunos". Em 1972, o NEC iniciou o curso de 1º grau, onde, atualmente, estudam 482 alunos. Em cada classe são colocados, no máximo, trinta alunos e Marcos Schwartzmann garante que este número reduzido de estudantes por sala "evita a massificação do ensino, deixando tempo para que o professor possa dar atendimento mais individualizado".

Uma das intenções do NEC - diz - é o acompanhamento constante do programa de ensino que o professor está desenvolvendo em sala de aula. Foi criada uma Coordenadoria Pedagógica que marca reuniões de planejamento, avaliando o rendimento dos alunos e a metodologia empregada. "Queremos que o nosso professor não se sinta abandonado em sala de



aula, mas sentindo que seus passos fazem parte de um todo maior, que o acompanha para evitar quebra de seqüência nos programas".

Antes de contratar um professor, o NEC leva-o para um estágio, observando seu trabalho em classe. Depois do estágio é feito um relatório que poderá recomendá-lo, ou não. "Pode parecer antipático, mas dispensamos muitos estagiários. Na pré-escola, por exemplo, não adianta manter um professor com muitos diplomas, mas que não seja alegre e comunicativo. O convívio com as crianças exige estas qualidades", garante Schwartzmann.

É cobrada uma taxa especial, destinada ao fornecimento de material escolar suplementar, impresso na gráfica da escola, que o NEC, durante o ano, se encarrega de entregar: são cadernos de exercícios, folhas extras e material para recortes ou colagem, usados como complementação didática das aulas. Nas aulas de Artes, por exemplo, na pré-escola, as crianças recebem papéis cortados ou semi-cortados para confeccionar desenhos diversos.

A partir deste ano, somente as turmas da pré-escola continuarão recebendo lanches na hora do intervalo. Os alunos pequenos, explica o diretor, sentem-se frustrados quando percebem que um colega está comendo um lanche diferente do seu; para evitar isso, o colégio resolveu servir um lanche unificado para todos. Os alunos do 1º grau, porém, poderão comprar seus lanches na cantina que está sendo construída no pátio do colégio.

Os alunos do NEC são alfabetizados

aos seis anos nas classes de "Alfa", ainda na pré-escola. Na primeira série é feita uma fixação da alfabetização, que avança no programa da segunda série. Aí está, de acordo com o diretor, o porquê dos alunos do NEC serem considerados bem preparados. "Transferidos para outros colégios, nossos alunos tornam-se os primeiros das classes", garante.

Na pré-escola há aulas de Artes, Iniciação Musical e Ginástica, que para crianças é adaptada para a recreação, preparando-as para as futuras aulas de Educação Física. Na primeira série existem duas classes: uma para os alunos já alfabetizados e outra para os que vão começar o processo. Nesta segunda classe é colocada uma professora assistente como "reforço", para que as duas turmas finalizem o ano letivo em igualdade de condições.

O colégio possui também dois microônibus para excursões didáticas. No final de 81, os alunos do 1º grau puderam conhecer o funcionamento de agências bancárias, visitaram a sala dos computadores do Bradesco de Mogi e foram ainda a sítios e indústrias. Fizeram também visitas a vereadores, juízes e ao prefeito Waldemar Costa Filho, para compreenderem a divisão dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. O NEC possui um ginásio para a prática de Ginástica Olímpica, de mil metros quadrados, com instalações para exercícios de barra fixa, barra simétrica, barra paralela, argolas e *plincton*. Alunos de fora do NEC podem matricular-se apenas para os cursos de Ginástica Olímpica. ▶



Schwartzmann: o colégio também tem que formar.





## O São Marcos, colocando o aluno na faculdade.



Antes de aceitar a matrícula de um aluno novo no Colégio São Marcos, a diretora Durcília

Verreschi Monteiro da Silva faz uma entrevista demorada com os pais do candidato. Nesta conversa inicial é explicada a proposta educacional do colégio - que possui turmas desde a pré-escola - pois a filosofia adotada deverá estar de acordo com o modo de vida da família do candidato. "O aluno deve saber que, no São Marcos, encontrará professores altamente qualificados, laboratórios e salas-ambiente modernamente instaladas e uma carga horária "puxada" de aulas. Seus pais também são informados das nossas expectativas de ensino e o aluno precisa estar conscientizado de que vem aqui para estudar e aprender para valer, diz a diretora.

Ali, como nos colégios europeus e americanos, a carga horária é dupla, isto é, há atividades em período integral para as turmas de 1º e 2º graus. Os alunos têm aulas teóricas das 8 às 12h25, retornando às 14 horas para as de fixação da aprendizagem. Um exemplo: as oitavas séries de 1981 assistiam, às segundas-feiras, a duas aulas de História, além de uma de Matemática e Português, pela manhã; à tarde, Português, Matemática, Educação Artística e História, como complementação.

O período integral foi introduzido no colégio pelo diretor-presidente da sociedade, Ernani Bicudo de Paula, para atender a no máximo 500 alunos, podendo, assim, dar atendimento personalizado, e evitar os cursinhos. Afinal, quando o colégio foi fundado, em 1977, seu slogan dizia "São Marcos, o caminho direto para a faculdade".

Nos vestibulares de 1981, a primeira turma "legítima" do São Marcos, isto é, aquela que cursou todos os anos do cole-



gial, conseguiu atingir 90% de aprovação. O colegial técnico (com habilitações em Edificações, Nutrição e Dietética, Eletrônica, Patologia Clínica e turma de Magistério, que vai-se iniciar este ano) é completado em quatro anos, mas já ao final do terceiro ano o aluno pode prestar os vestibulares pois recebeu um certificado de "auxiliar técnico" na modalidade escolhida. De qualquer forma, o 4º ano técnico ainda não funcionou no colégio. "Nossos alunos - conta a diretora - na totalidade dirigem-se ao ensino superior".

No ano passado, todos os alunos da 5ª série ao colegial, participaram de quatro exames simulados nas mesmas condições do vestibular. Nestes exames puderam avaliar seu grau de conhecimento e saber como estavam em relação a seus colegas. Os pais, enquanto isso, recebem, bimestralmente, um boletim com as médias do aluno comparando-o às notas de sua turma.

O aluno que tirar notas abaixo de cinco é enviado para a "recuperação" onde vai rever o conteúdo das disciplinas em que teve problemas. Existe também no colégio um "plantão de professores" para resolver dúvidas dos alunos com dificuldades; há também um circuito fechado de TV destinado à projeção de filmes educativos



Durcília: estudar e aprender para valer.

e gravação de aulas pelos professores. "O São Marcos não recomenda que seus alunos tenham aulas particulares. As eventuais deficiências de ensino devem ser sanadas no próprio colégio. Muitas vezes, ele precisa apenas de orientação para aprender a estudar".

Desde a 5ª série, os alunos têm aulas de "Técnica de Redação", onde é estimulado o desenvolvimento oral e verbal através da dinâmica de grupos. Por exemplo: as oitavas séries discutiram, em pequenos grupos, o tema "Deve haver educação sexual na escola?". No final da aula, fizeram relatórios - e enviaram à diretora. Outro tema discutido nestas aulas: o papel da mulher na sociedade. "Acreditamos que não é ao chegar no 3º colegial que o aluno começará a escrever brilhantemente. A liberação do pensamento, a criatividade para redigir devem ser estimulados desde cedo", diz Durcília.

No colegial os alunos têm três professores de Português: um para Técnica de Redação, outro para Gramática e um terceiro para Literatura; em Química, há três professores - para Química Orgânica, Inorgânica e Revisão. Em Inglês, as classes são divididas por níveis de conhecimento de língua: turmas iniciantes e adiantadas. Inglês entra no currículo a partir da terceira série do 1º grau.

A alfabetização no colégio é feita na 1ª série. Na pré-escola há um trabalho de prontidão para a alfabetização e a preocupação é "não forçar a criança a ler muito cedo porque isto só traduz a ansiedade dos pais, prejudicando o desenvolvimento infantil", segundo a coordenadora pedagógica Irene Marques de Almeida. O "São Marquinhos", localizado na rua Laurinda de Melo Freire, na Estância dos Reis, atende apenas às turmas da pré-escola até a 4ª série e possui instalações especiais, como área para plantio de horta, construindo-se, no momento, sua quadra coberta e a piscina.



## NEC (Núcleo de Educação e Cultura)

Rua Maurício Schwartzmann, 46.  
Tel.: 469-9500.

O colégio possui cursos desde a pré-escola, a partir de dois anos, até a 8ª série do 1º grau. As matrículas estarão abertas durante o mês de janeiro. Em 1982, as mensalidades serão as seguintes: do pré a 4ª série, Cr\$ 7.880,00 de fevereiro a junho; de 5ª a 8ª série, Cr\$ 9.500,00. A primeira parcela para todos os cursos deverá ser paga no ato da matrícula: Cr\$ 11.820,00.

## Colégio Santa Mônica

Rua São João, 141.  
Tel.: 469-7744.

O colégio possui cursos desde o maternal até o 2º grau. No colegial o aluno pode fazer duas opções: em Magistério ou Formação Profissional Básica, curso equivalente ao antigo Científico. O colégio abre reservas para matrículas desde agosto e os interessados deverão procurar por vagas ainda remanescentes no mês de janeiro. As mensalidades em 1982, para todas as séries, serão de Cr\$ 6.528,30.

## Colégio São Marcos

Rua Senador Dantas, 326.  
Tel.: 469-9499.

O colégio possui cursos desde a pré-escola, aceitando crianças a partir de três anos, até o 2º grau, com habilitações técnicas em Edificações, Nutrição e Dietética, Eletrônica, Patologia Clínica e Magistério. As matrículas para todos os cursos estarão abertas até o final de janeiro. A semestralidade de 1982 será igual para todos os cursos. Nas turmas da pré-escola está incluído o fornecimento de lanches e material pedagógico. Serão cobradas quatro parcelas, de Cr\$ 12.000,00 — de janeiro a abril — além de duas parcelas (Cr\$ 14.000,00), em maio e junho.

## Colégio Policursos

Avenida Voluntário Fernando Pinheiro Franco, 713.  
Tel.: 469-3324.

Cursos desde a pré-escola, a partir de três anos, até o 2º grau com habilitações profissionalizantes em Eletrônica, Edificações e Mecânica, entre outros. Matrículas aceitas até o mês de fevereiro. As mensalidades, ainda sujeitas a confirmação, deverão ser as seguintes: pré-escola, Cr\$ 5.000,00 mensais; da 1ª a 4ª série, Cr\$ 5.111,00; da 5ª série ao 2º grau, Cr\$ 6.095,00.

## Instituto Dona Placidina

Rua Senador Dantas, 284.  
Tel.: 469-5666.

Colégio dirigido pelas Irmãs Ursulinas da Sagrada Família, possui cursos desde o jardim da infância, a partir de 4 anos, até o fim do 1º grau. Matrículas abertas até janeiro. No 1º semestre de 1982, do pré a 4ª série, serão cobrados Cr\$ 21.000,00, parcelados em seis vezes. Da 5ª a 8ª série, Cr\$ 30.900,00, também divididos em seis pagamentos mensais. A primeira parcela é paga como taxa de matrícula.

## Colégio Rondon

Rua Ipiranga, 667.  
Tel.: 469-7233.

Neste ano serão iniciadas turmas de pré-escola e 1º grau com classes de 1ª, 2ª e 5ª séries. O colegial oferece habilitações em Patologia Clínica, Prótese Dentária e Edificações entre outros. Matrículas até janeiro. As mensalidades em 82: pré-escola, primeira parcela de Cr\$ 5.000,00 e cinco de Cr\$ 4.500,00; 1º grau, primeira parcela de Cr\$ 7.000,00 e cinco de Cr\$ 5.000,00; colegial Edificações, Publicidade e Magistério, primeira parcela de Cr\$ 6.500,00 e cinco de Cr\$ 6.320,00; colegial Patologia Clínica e Agrimensura, primeira parcela de Cr\$ 7.000,00 e cinco de Cr\$ 6.990,00; colegial Prótese Dentária, primeira parcela de Cr\$ 7.700,00 e cinco de Cr\$ 7.550,00.

Os preços e as demais informações foram prestadas pelas escolas.



*Já está aberta a temporada de caça aos votos para vereador. Pessoas muito conhecidas na cidade, como a sambista Rosacy Silva, partem para sua primeira tentativa eleitoral, acreditando no prestígio obtido no asfalto e na ajuda de amigos. Como João Mendes, que tem até slogan: "Ladrão por ladrão, vote no João".*



Rosacy: levando o samba do asfalto para as urnas.

ELEIÇÕES

## Tentando a renovação

Uma passista da Escola de Samba Unidos da Vila Industrial poderá vir a ser a ocupante de um dos 17 disputadíssimos lugares da Câmara Municipal de Mogi das Cruzes, em 82. Lançada a princípio pelo deputado e coronel Erasmo Dias, a sambista Rosacy Silva, ferreinha admiradora do governador Paulo Salim Maluf, é um dos cinco nomes femininos que o PDS pretende lançar para concorrer ao Legislativo nas próximas eleições.

Um respeitável grupo de mulheres que pretende, de vez, acabar com um antigo preconceito mogiano de que não há lugar para elas na política. E para quebrar esse tabu, Rosacy, quartanista de Direito, tem arma muito feminina — sua indiscutível simpatia.

Levada à política pelos amigos, Rosacy já trabalhou em muitas eleições para auxiliar o grupo do atual prefeito, Waldemar Costa Filho, que, aliás, abonou pessoalmente sua ficha de filiação ao PDS. Talvez venha dessas campanhas passadas a ardorosa admiração pelos deputados Manoel Bezerra de Melo e Maurício Najar, políticos que mais a impressionam a nível nacional, além, é claro, de Maluf.

Preferências à parte, a candidata, embora admitindo um certo desconhecimento das coisas da política, tem sua plataforma baseada numa melhor atuação da assistência social.

**CONQUISTAR OS VIZINHOS** — “Esse pacote do governo trará problemas, mas, em Mogi, ganha quem o Waldemar apoiar; não temos oposição. O candidato só se diz de oposição para entrar — depois, lá dentro, vira para o PDS”, garante Rosacy, que defende a renovação da Câmara, “pois existem vereadores que estão lá desde que ela foi fundada”.

Tão logo ingressou no partido do prefeito, passou a percorrer residências de amigos e vizinhos. Diz ter conseguido total apoio, o que aconteceu também na sua escola de samba. “Se eleita, vou continuar desfilar”. De todos os vizinhos da rua Isabel de Bragança, somente um não lhe deu sequer esperanças. O morador do número 175. Ali reside outro candidato que pretende, ao menos, dividir com a sambista os votos da vizinhança.

É João Mendes, o “João Ladrão”. Apesar de relutar, não lhe foi possível recusar o pedido do amigo Jacob Lopes, antigo frequentador da Casa do Lanche, aberta por João Mendes em 1956, e que,

ao lado de Jair Batalha, Carlos Ali, Jacob, Carlos Augusto Ferreira Alves e até do ex-ministro Shigeaki Ueki, cunhou seu apelido de João Ladrão, após as rotineiras reclamações pelo preço das contas depois de algumas rodadas de aperitivos acompanhados de camarão, a especialidade da casa. João Ladrão nega, mas, alegres, os amigos confirmam “Até o ano era somado na conta”.

**BOM É O PREFEITO** — Esse opositor ligeiramente bissexto acha que “ninguém vence o Waldemar em Mogi” e com sua candidatura quer apenas devolver à cidade as grandes festas do passado como o Carnaval, 1º de Setembro, Natal e 7 de Setembro. “Nero já dava pão e circo para o povo ficar contente. É preciso dar coisas alegres; o Waldemar só dá sacrifícios”, diz o ex-comerciante, hoje um bem sucedido corretor de seguros, otimista com suas chances após o pacote de novembro. Mas não arrisca palpites na disputa com outros candidatos. “São todos meus amigos”.

Um deles é o pedessista Nelo Boratto, disputando palmo a palmo com João Ladrão os eleitores que frequentam o Bar do Aurélio, esquina da Barão de Jaceguai com Presidente Rodrigues Alves. Entre cervejas e partidas de dominó todos fazem *slogans* para a campanha. O de João surgiu primeiro. “Ladrão, por ladrão, vote no João” — rebatido imediatamente: “Rato por rato, vote no Boratto”. Os jornalistas mogianos também querem provar o sabor das urnas. David de Lima, da Rádio Metropolitana, sai pelo PDS, enquanto Ricardo Costa, que já passou pelos três jornais da cidade, elegeu o PMDB, abandonando seu antigo radicalismo e transformando-se em seu mais novo democrata cristão. Discurso pronto ele já tem: lutará por melhores condições de vida no setor rural, na área urbana e quer ver os sindicatos livres.

**AMOR À IMPRENSA** — Não é exatamente o que pretende Monsueto Araújo de Castro, talvez o candidato há mais tempo em campanha. Conhecido por sua insistência em provocar notícias envolvendo seu nome, Monsueto, um cearense de Quixeramobim, 34 anos, descobriu a imprensa quando, menino, trabalhava como estafeta de jornalistas no Palácio da Luz, em Fortaleza. Quando o ministro Jair Soares veio a Mogi inaugurar o prédio da Previdência, Monsueto estava lá segurando faixas pedindo a liberação do FGTS para as casas próprias financiadas pelo Iapas.

Meses depois, durante a visita do presidente Figueiredo, Monsueto colocou um chapéu de couro estendendo na calçada do restaurante onde a comitiva almoçava, chuchus, pês de alface, cenouras



## TENTANDO A RENOVAÇÃO

e beterrabas. "O povo deve plantar hortas nos fundos dos quintais", explicava satisfeito aos repórteres. Agora, de fato em companhia diz:

"Não sendo vereador, tenho trabalhado muito mais que alguns da ativa". Caso não vença, o obstinado Monsueto, candidato pelo PDS, continuará seguindo suas palavras de ordem: "Insistir, persistir e não desistir".

A renovação do Legislativo parece ser ponto comum entre os candidatos. Até Silvio da Silva Pires acredita nela. Ex-chefe de gabinete, ex-presidente do Conselho Municipal de Turismo, ex-secretário de Obras, ex-secretário de Promoção Social, ex-coordenador de Administração, tudo isso nos governos Waldemar Costa Filho e Sebastião Cascardo, Pires, vereador em 1963 pela coligação PSD-PTN, quer retornar à Câmara para oferecer "boas idéias" à administração municipal.

"Ela possui bons valores individuais, embora falte entrosamento e espírito público". Ele, contudo, não acredita em facilidades. "O partido está bem, o Waldemar é um líder indiscutível, mas eleição é eleição. Não sei o que se passa na cabeça do eleitor."



João Mendes: "Ladrão por ladrão..".



Boratto: rimando com o amigo.



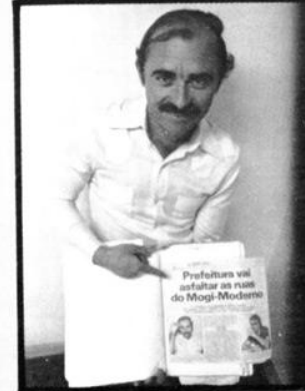
Rosacy: problemas com o "pacote".



Pires: ajudando a pensar.



Costa: agora em novo estilo



Monsueto: primeiro a Imprensa.

DARWIN VALENTE



COMPRA, VENDA E PERMUTA  
CASAS  
APARTAMENTOS  
SÍTIOS  
TERRENOS, ETC.

ADMINISTRAÇÃO  
LOCAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
DE BENS IMÓVEIS  
COM GARANTIA DO ALUGUEL

R. DR. RICARDO VILELA, 613  
Tel.: 469-9277 - Mogi das Cruzes

PLANTÃO DE VENDAS AOS  
SÁBADOS, DOMINGOS E  
FERIADOS

あしやうがは  
こどものゆめ  
もみたく  
もういちど  
こどものころに  
かえりたい。

ANO NOVO É LEMBRAR  
OS SONHOS DE INFÂNCIA,  
É QUERER VOLTAR,  
NOVAMENTE  
A SER CRIANÇA.



advogados associados

Antonio Luiz Nicolini  
Abadio Queiróz Baird  
William Damianovich  
Luiz Kiyokawa  
Luiz Sérgio Marrano  
Mario Emerson Beck Botton  
Ozair Alves do Vale  
Pedro Firmino da Silva Filho

Av. Cap. Manoel Rudge, 1430 - Tels.: 469.0699 - 469.0724 - 469.0749 - 469.0774  
CEP 08700 - Mogi das Cruzes - S. Paulo



AMEAÇA

## Doença em alta



Os dados não são nada animadores: em 1981, foram registrados 150 casos de esquistossomose em Mogi das Cruzes e Guararema, com mais de uma dezena de focos já controlados pela Superintendência de Controle de Endemias, a Suceu. Tudo indica, porém, que esse número pode ser ainda maior, pois a doença, uma das mais sérias endemias brasileiras, é de notificação compulsória, e, assim, os 150 casos decaídos neste ano foram registrados por médicos, laboratórios de análise, hospitais ou postos de saúde, havendo, portanto, nas vastas regiões agrícolas das duas cidades desprotegidas de saneamento básico, condições favoráveis para que o atual mapa da doença não seja exatamente fiel.

Até o início do segundo semestre a Suceu havia detectado e controlado, onze focos da doença nos bairros do Itapetí, em Mogi das Cruzes, e Lambari, em Guararema, locais ideais para o surgimento da endemia: clima úmido, muita vegetação, la-



Nas lagoas, todas as condições para se contrair a esquistossomose.

goas, falta de educação sanitária e, principalmente, muitos caramujos, os moluscos hospedeiros do miracídio, a larva da esquistossomose que se aloja em sua parte mole.

Instalada, a doença penetra através da pele pelo contato com a água infectada, terminando dentro da corrente sanguínea, onde pode provocar lesões graves e irreversíveis em órgãos como o fígado, baço e intestino. A medicação, que apenas elimina o avanço da doença, nem sempre consegue impedir casos já avançados.

De qualquer forma, a endemia registrada em Mogi apesar de não ser nenhuma novidade, aumentou em relação ao ano anterior, quando registraram-se 119 casos. E nisso, não se deve creditar as ocorrências apenas às más qualidades de saneamento

locais — ao contrário, a esquistossomose chega a ser, nas regiões Sul do país, uma doença "importada" e trazida pelos enormes contingentes de migrantes que deixam as regiões Norte e Nordeste em direção aos centros industrializados do Sul. Assim, Mogi não escapou dessa evidência. Em todo caso, números como os registrados em 81 poderiam ser drasticamente reduzidos, não só por investimentos na área do saneamento - providência extremamente vagarosa - mas, principalmente, por campanhas educativas que poderiam - e deveriam - ser deflagradas pelas escolas rurais, centros de saúde e sindicatos de classe.

MIRNA MONTEIRO

**jeans**

**CONFECÇÕES LTDA.**

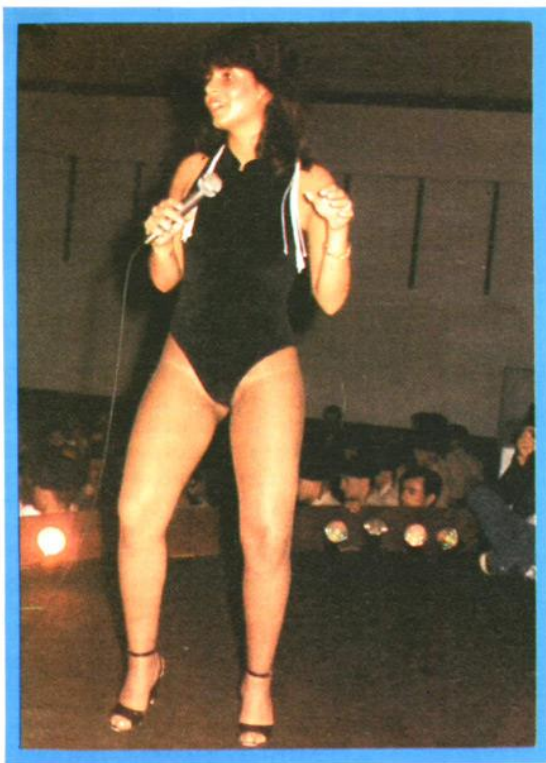
**CALÇAS, BERMUDAS, SHORTS, BIQUINIS**  
— EM LYCRA OU INDIGO BLUE —

**CAMISAS, CAMISETAS, BIQUINIS**  
— EM TECIDO OU MALHA DE ALGODÃO —

**DA FÁBRICA AO CONSUMIDOR**  
Preços sem concorrência

RUA CRUZEIRO DO SUL, 184 — VILA OLIVEIRA — TEL.: 468-3977





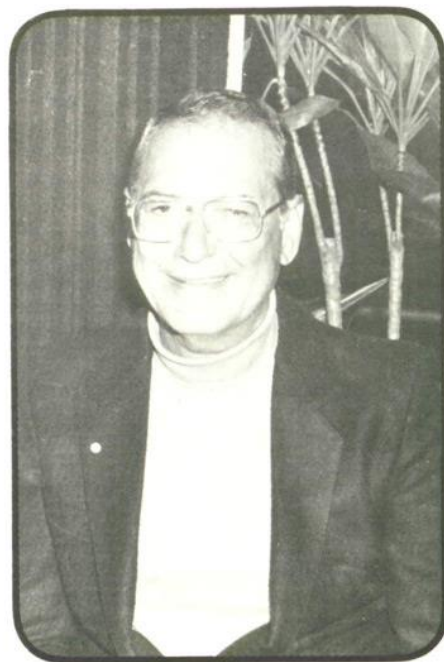
**C**ansada de ver seus *shows* transformados em verdadeiros tumultos, a cantora **Gretchen** se surpreendeu, há algumas semanas, em Mogi, quando viu sua apresentação no Itapety Clube protegida por um formidável esquema de segurança: um capitão, três tenentes e 140 policiais militares. Descontente, o vereador Ivan Nunes Siqueira, que há tempos iniciou cruzada pela moralização dos costumes na TV, protestou na Câmara contra tamanho absurdo. Constrangido, o comando da PM arrumou-se distribuindo nota oficial - tudo não passou de mero exercício para recrutas recém-admitidos. Do episódio causado pela "Rainha do Bum-Bum", apenas uma coisa é certa: os recrutas não reclamaram; aliás, nem piscaram o olho.



**A** costumado a fazer da data de sua ascensão ao columnismo um acontecimento marcante na vida alta mogiana, o cabeleireiro **Willy Damasceno** não mudou de rumo ao comemorar, em dezembro, o sexto aniversário de sua página no "Diário de Mogi". Em benefício da APAE, ele abriu os salões do Clube de Campo, recebeu as honras de praxe e concluiu vitorioso mais uma etapa de sua incansável, obstinada luta. "Comecei realmente despreparado, mas criei estilo próprio. Abri um pouco mais. Não vejo, por exemplo, a coluna social apenas como passarela para o desfile de novos ricos. Destaco gente que realmente acontece em sociedade, e no seu setor de atividade. No entanto, não deixo de registrar um acontecimento. Nestes termos, realmente democratizei o columnismo da cidade". Lançado pelo jornalista Francisco Ornelas, que o "inventou" quando Mutso Yoshizawa trocou o "DM" pelo "Mogi News", Willy não se esqueceu do empurrão - ao contrário, é muito grato. Não deixa, entretanto, de registrar. "Devo tudo única e exclusivamente ao meu trabalho e à minha vontade de vencer".



**D**iscreto, arredo à badaladoções e avesso à publicidade, o empresário **Júlio Simões** aparece pouquíssimo nos jornais. *Dono da Transportadora Júlio Simões S/A, a 3ª maior do país, ele acaba de comprar - sem fazer qualquer tipo de alarido - 15 mil alqueires de terra em Barra do Garça, Goiás, o que já o transforma num dos maiores fazendeiros da região - e num dos poucos empresários mogianos a diversificar seus investimentos.*



**C**onhecido como um dos mais experientes cirurgiões buco-maxilo-faciares do País, **J.J. Barros** acaba de lançar o protótipo número 8 - um aparelho de relaxamento usado para dormir. A invenção de Barros, já utilizada nos Estados Unidos e Austrália, existe em duas versões - uma para o público em geral e outra para uma faixa mais sofisticada de compradores. O aparelho, garante Barros, alivia dores nevrálgicas e ainda combate o *stress*. Pelo invento, o atualmente titular da cadeira de Traumatologia e Cirurgia buco-faci-maxilar da Universidade de Mogi das Cruzes ganhou o primeiro prêmio do Forum Científico, realizado recentemente em São Paulo.

**M**ário Berti, o presidente do PT de Mogi das Cruzes, descobriu uma forma original de promover a imagem de seu partido: montou, para todas as tendências políticas da cidade, um curso de capoeira. Nele, os primeiros alunos de José Aparecido Fonseca, o "Mestre Pinguim", descobriram ser o jogo da capoeira algo muito mais difícil e estafante que qualquer sessão de debates ideológicos. Por isso, muita gente do partido já desistiu dos rigores de Mestre Pinguim. Berti, no entanto, está satisfeito - "O Partido dos Trabalhadores mostra que uma agremiação política deve ser moderna, ter vida. Aqui, as mães já sabem que os filhos estão lá no PT. Aliás, os frequentadores da capoeira costumam assistir a toda e qualquer manifestação política, mesmo que seja do PDS".





**D**urante a última Festa do Pêssego, em Mogi, o ex-governador **Laudó Natel** declarou várias vezes que sua visita era apenas de cortesia. Ele esteve sempre acompanhado pelo gerente local do Bradesco, **Lúcio Thuzuki (E)**, seu amigo pessoal, que depois confirmou — Natel é candidato a governador e sua visita teve também objetivo político.

## Negócios e Oportunidades

- Depois de ter adquirido há oito anos o controle acionário da Howa do Brasil, uma subsidiária da Howa Machinery, do Japão, a Embramec - Empresas Mecânicas do Brasil S/A, não suportando a atual crise, está percorrendo o caminho inverso e vendendo ao grupo nipônico sua posição majoritária. O negócio deve ser fechado ainda em janeiro. Eventuais compradores podem se habilitar.

- A queda na venda de veículos fez a *NGK do Brasil*, uma grande fabricante de velas de ignição, diversificar sua produção. Em 82, ela dará ênfase ao setor de pastilhas e revestimentos.

- A Dresser - Indústria e Comércio Ltda está desativando sua unidade de Resende (RJ) para instalá-la em Mogi, onde passará a fabricar as estruturas para motoniveladoras.

- Numa área de 2.869 m<sup>2</sup>, doada pela Prefeitura de Mogi das Cruzes, em Braz Cubas, a *Staroup S/A*, que já vende sua etiqueta na América do Sul e Europa, está instalando mais uma fábrica. É o que fará também a *Fechaduras Arouca Ltda*, no bairro de Cesar de Souza. Já o vereador **Roberto Sakô**, por não ter conseguido terreno em sua cidade, montará fábrica de implementos agrícolas em Itaquaquecetuba.

- Até o dia 2 de julho deste ano, Suzano, Poá, Ferraz de Vasconcelos e Itaquaquecetuba esperam ter reunido Cr\$ 150 milhões, quantia que necessitam para a instalação de sua unidade do *Corpo de Bombeiros*. No momento a única existente, serve Mogi das Cruzes, Salesópolis, Biritiba Mirim e Guararema, além das quatro cidades agora em campanha pública para a criação daquela guarnição - um dever

que compete ao Estado, mas que a comunidade resolveu assumir depois de tanto esperar, como ocorreu em Mogi, nos anos 60, que também fez isso para criar sua corporação.

- Em 82, a Companhia Siderúrgica de Mogi das Cruzes deverá exportar 180 mil toneladas de barras para a construção civil e tubos de aço em costura, num total de aproximadamente US\$ 20 milhões. Os compradores — Iraque, Kuwait, Barharim e Arábia Saudita - fecharam negócio na recente viagem do ministro **Ernane Galvêas** ao Oriente Médio, da qual participou **Marcelo Sérgio Fernandes**, diretor-presidente da *Cosim*.



*Ao consumir em dezembro passado a inauguração de sua terceira loja Livroeton, o comerciante Nelson Marques, que nunca acreditou em crises, acabou fazendo um agradecimento a Mogi. O slogan de sua espetacular loja, "Mogi Merece", é um pouco de tudo o que Nelson acha da cidade: "Tem o melhor comércio da região, incluindo aí São José dos Campos, e é uma cidade em crescimento, compradora. Aqui, por exemplo, existe o mercado dos agora chamados "superfluos" e esse nosso slogan foi um achado. Mogi merece realmente", diz ele que, em 1957, 29 anos atrás, iniciou a Livroeton apenas uma portinhola na rua Paulo Frontin.*



**J**á iniciado, o alto verão está levando para a beira de piscinas e praias a nova moda de maiôs e biquínis com motivos selvagens em camurça, muitas franjas e ouro velho - a marca registrada desta estação. Tudo em cores fortes como o vermelho e o azul petróleo. Como toda moda, esta também vem classificada: trata-se de um estilo despojado. Na verdade - também como toda moda -, ela não seria muito sem a presença fundamental de quem a veste. Nada mais fácil de provar: basta olhar para a ex-nadadora e universitária **Jussara Prado**, 19 anos, a modelo da foto.

\*



O cartunista **Nicolio**, colaborador de *ATO* e diversas vezes premiado no Exterior, está expondo seus trabalhos na *Livraria Nobel*, Rua Maria Antônia, 108, em São Paulo. Seu tema: os livros.



## Dias sadios

*Nos hotéis-fazenda, uma doce volta ao passado*

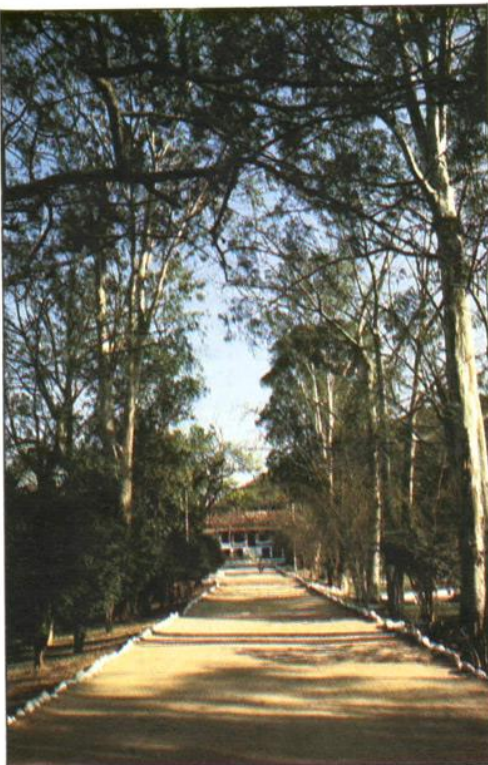
**A**manhecer o dia ouvindo o canto de pássaros. Cavalgar em direção a um ponto geográfico perdido no horizonte. Após o almoço, armar a rede aproveitando a sombra de uma árvore frutífera. Esses são alguns atrativos procurados pelos que desejam contato com a natureza e não encontram a paz desejada no litoral. A solução: hospedar-se em uma antiga fazenda produtora de café que se transformou em hotel.

As principais se localizam no Vale do Paraíba, região histórica que mantém vivos monumentos do passado, época em que o café era a grande riqueza do País. Na maioria delas, o edifício central é um velho casarão em estilo colonial carinhosamente conservado, apresentando imensos cômodos decorados com móveis antigos que são verdadeiras relíquias e assoalhos de pinho de Riga, importado.

**VIVENDAS** - O programa, portanto, não se resume em se tornar fazendeiro por alguns dias. Trata-se de dar um mergulho nos tempos do Império e participar de um velho sistema de vida quando os "coronéis" — que imperavam em seus feudos — desfrutavam da riqueza proporcionada pelo café. Nesta época, a aristocracia era formada pelos fazendeiros — entre os quais alguns viscondes e diversos barões — e seu poderio era medido pela suntuosidade de suas vivendas. A riqueza permitiu algumas extravagâncias, como a de contratar profissionais franceses para decorar suas mansões.

Os hóspedes das fazendas que se transformaram em hotéis participam desse estilo de vida, dessa época de opulência: a mesa farta de comida deliciosamente provinciana preparada com gordura de porco em panelões de ferro e fogões de lenha — tal como se fazia antigamente. Como aperitivo, a verdadeira pinga da roça; e o cardápio, quase sempre, é da cozinha mineira: tutu (virado) ou feijão tropeiro, acompanhados de linguiça frita, torresmo, couve e lombinho frito na chapa de ferro. Além disso, frutas e legumes vêm da horta ao lado. Na sobremesa, doces caseiros extraídos de receitas amareladas pelo tempo.

**CAIPIRISMO** - Muito mais do que descansar alguns dias em uma velha sede de fazenda adormecida em meio a um pomar verde, o programa permite entrar em contato com um dos últimos bolsões da chamada "cultura caipira" e as manifestações peculiares do campesinato. O segredo é o hóspede se tornar amigo dos presta-



tivos empregados. Pela manhã, ajudar no estábulo a ordenha e aproveitar para beber o leite puro no curral. Durante o dia, acompanhar o pessoal da lavoura. À noite, deixar de lado a TV e participar das "rodinhas", onde se contam "causos"; as crendices, as superstições e as lendas que fizeram o dia-a-dia de nossos avôs. A velha sociedade agrária brasileira se desorganizou. Mas no Vale do Paraíba ainda se encontram resquícios dessa "civilização rustica", mais conhecida como caipirismo.

Logicamente, a rusticidade das antigas fazendas perdeu alguns pontos para o conforto. A energia elétrica trouxe o aquecimento central, o ar condicionado e os aparelhos de TV e FM. A piscina, a sauna, as quadras de basquete, vôlei e tênis, além do *play-ground*, são benfeitorias recentes. Contudo, justamente nesse ponto está o sucesso desses hotéis, que oferecem o conforto urbano no meio do campo.

Diferente dos hotéis urbanos, as fazendas não apresentam restrições aos hóspedes — aqui, é proibido proibir. Com isso, as crianças se vingam em travessuras, aproveitando os espaços amplos. Para a família, o convívio com árvores centenárias, as frutas escolhidas no pé, o dia no lombo do cavalo, os banhos de cachoeiras, os passeios pela mata — reino de sabinás, pintassilgos, curiós — são atrativos que não se encontram no dia-a-dia da cidade grande.

**OPÇÕES** - Há duas excelentes opções para se hospedar nas antigas fazendas de café que se transformaram em hotéis. A primeira é ficar nas proximidades da Via Dutra, em Engenheiro Passos, distrito de Resende, no Estado do Rio. São quatro as recomendáveis: Três Pinheiros, a Villa

Forte, a Palmital e a Fazenda da Serra. Aqui se terá um excelente contato com a natureza, com o Parque Nacional do Itatiaia e nas proximidades de Visconde de Mauá e Penedo (saunas e artesanato).

A segunda opção é na SP-66 (antiga ligação rodoviária Rio-São Paulo), no extremo Leste Paulista. São duas fazendas-hotéis: o Clube dos 200 (na localidade de Formoso, distrito de São José do Barreiro) e a Fazenda Boa Vista (em Bananal). Esta opção é recomendada para aqueles que são "ligados" em História, principalmente na história do café. São quatro cidades que devem ser visitadas: Silveiras, Areias, São José do Barreiro e Bananal.

**ESTADIA E PREÇOS** - *Palmital*, a 17 km da Via Dutra, na Rodovia das Águas, que sai de Engenheiro Passos em direção às estâncias hidrominerais. A casa oferece estes preços: casal, Cr\$ 4.500,00; solteiro, Cr\$ 3.800,00; terceira pessoa, Cr\$ 1.800,00; crianças até 5 anos, Cr\$ 1.200,00. Reservas pelo fone nº 8, em Engenheiro Passos.

*Fazenda da Serra*, a três quilômetros por estrada de terra da Via Dutra, justamente no km 313, entre Penedo e a entrada do Parque Nacional do Itatiaia. Oferece os seguintes preços: Cr\$ 4.000,00 a diária completa de casal; Cr\$ 3.000,00 solteiro, Cr\$ 1.600,00 terceira pessoa e Cr\$ 1.250,00 crianças até 10 anos. Reservas pelo telefone (0243) 51-1278. (Resende).

*Villa Forte*, na beira da Dutra, no trevo que dá acesso às estâncias minerais, em Engenheiro Passos. Casal, Cr\$ 4.500,00; solteiro, Cr\$ 3.900,00; terceira pessoa, Cr\$ 2.000,00; crianças até 5 anos, Cr\$ 1.400,00. Reservas pelo telefone nº 6, em Engenheiro Passos.

*Três Pinheiros* - na estrada que liga a Dutra ao circuito das águas mineiro, em Engenheiro Passos. A três quilômetros da rodovia federal. Casal Cr\$ 4.500,00; solteiro, Cr\$ 3.500,00; terceira pessoa, Cr\$ 2.000,00; crianças até 7 anos, Cr\$ 1.500,00. Reservas telefone nº 7, Engenheiro Passos.

*Clube dos Duzentos*, em Formoso, distrito de São José do Barreiro, na SP-66. Casal, Cr\$ 4.980,00; solteiro, Cr\$ 3.500,00; terceira pessoa, Cr\$ 1.750,00; crianças até 2 anos, Cr\$ 700,00. Reservas pelo telefone nº 211, Formoso. (discar 101 e pedir auxílio da telefonista em Guaratinguetá).

*Boa Vista*. Em Bananal, também na SP-66. Casal, Cr\$ 3.000,00; solteiro, Cr\$ 2.400,00; terceira pessoa, Cr\$ 1.400,00; crianças até 9 anos, Cr\$ 1.100,00. Reservas pelo telefone 230, Bananal.

FLÁVIO NERY





**ABRINDO CAMINHOS PARA UMA VIDA MELHOR**



*Almeida & Filho Terraplenagens Ltda.*

MATRIZ: AVENIDA AERO CLUBE, 319 — TELEFONE (0243) 42-3042 PABX - BAIRRO AERO CLUBE - CAIXA POSTAL 54/55  
INSC. ESTADUAL 80.551.452 - C.G.C.M.F. 32.487.258/0001-50 - CEP 27.180 - VOLTA REDONDA - EST. DO RIO DE JANEIRO



# Rita, levada da breca

Musa dos roqueiros, compositora desde menina, Rita Lee expõe aqui toda sua energia. Por Leonor Amarante\*



No fim do espetáculo, o público em delírio não arreda pé. Aos gritos e assobios exige a volta do seu ídolo. Rita Lee, que sempre foi levada da breca, antecipou o carnaval paulista com o *show* "Saúde", agitando por duas semanas, o Palácio das Convenções do Anhembi. Gostar de Rita Lee é quase um estado de espírito. Debochada, safada, divertida, ela incendeia platéias, libera emoções reprimidas. Deita e rola no palco, colocando o *rock* brasileiro em seu devido lugar.

A história desse *show* começou com a gravação do disco, do mesmo nome, recentemente lançado em São Paulo. Com quase o mesmo elenco do disco anterior, "Lança Perfume", Rita Lee e Roberto de Carvalho, marido e parceiro em todas as composições, inauguraram os estúdios da Sigla em São Paulo. E, durante 28 dias, seguiram um rigoroso ritual, que envolvia gravação das bases, *play-backs* e vozes. Trabalharam exatamente 12 horas por dia - 336 para as oito faixas do novo disco - que seria base do *show*. Nesse meio tempo, Rita amamentava seu terceiro filho - Antônio - com um mês. Roberto discutia com o empresário detalhes da execução de 82. Juntos conversavam sobre a mixagem do disco, que foi feita em Nova York, e o especial de televisão.

O resultado desse energético dia-a-dia está em "Saúde" disco e espetáculo produzido por Rita e Roberto. Para chegar a esse resultado a dupla teve de enfrentar vários desafios. Um deles foi o tempo. Por isso tentar entrevistá-los é mergulhar num ritmo alucinante e, sobretudo, estar preparado para frequentes interrupções. *Ato* esteve na antiga casa do casal, no bairro do Pacaembu que, durante os 20 dias que antecederam o *show*, foi invadida por fios, aparelhagens de sons, músicos e pela equipe da T. V. Globo que, dirigida por Daniel Filho, iniciava as primeiras tomadas do "Especial".

**PENSANDO NOS FILHOS** - Roqueira e compositora desde menina, e - sobretudo - boa atriz, Rita Lee no dia das filmagens encontrava-se afônica, mas nem por isso perdia o humor. "Para mandar os fi-

lhos escovar os dentes, ir para a cama e fazer lição, minha voz estava ótima. Ao ver as câmaras ela desaparecia".

Nem mesmo esta afonia temporária intimidou Rita. E esse incidente não poderia mesmo alterar seu humor natural, pontilhado de brincadeiras. "Afim, já não disseram que sou antídoto de baixo astral?". Durante as tomadas, Daniel Filho não teve trabalho. Rita as conduziu como uma atriz veterana. Também não era para menos. Ela vivia Regina Célia, antiga personagem - sua criação, além da garotinha Gungum e Anibal - que interpreta a qualquer hora do dia, e diante de quem pintar. "Regina Célia, uma solteirona, costuma viver situações muito sérias ao lado de gente careta". Desta vez sua personagem representava o papel de governanta da casa de Rita Lee, que com grande óculos escuros, sem ser reconhecida, mostrava, timidamente à equipe de Daniel Filho todas as dependências da casa.

Eles acabaram de trocar essa confortável residência por um apartamento. Apesar dos ares de irresponsável, aliado ao espírito lúcido que não a deixa ver o mundo sob uma ótica sisuda, Rita é uma mãe muito preocupada, que não lembra nem de longe a menina irreverente que, nos anos 60, escandalizou o público aparecendo no palco vestida de noiva grávida. "Resolvemos mudar aqui por motivo de segurança. Compramos um apartamento e logo depois dos ensaios e das filmagens vamos vender a casa, com filhos não dá para bobear".

No andar térreo ainda existem vários objetos que fazem lembrar uma vida em comum. No antigo quarto do casal, permanecem intocáveis duas figuras recortadas e coladas na parede: a Mulher Maravilha e o Superman. No meio de uma parafernália de fios e aparelhagens alguém pediu que fosse colocado o disco para facilitar a entrevista ("Saúde" acabava de ser lançado e, portanto, os jornalistas ainda não o conheciam. A solicitação não pode ser atendida. Não havia um só toca disco. Roberto explicou que ninguém deveria estranhar. Apesar deles possuírem um grande aparelho de som, ele normalmente não era muito usado. "A Rita por exemplo quase nunca coloca um disco na vitrola. Às vezes curte uma música de Gil ou de Caetano ou de qualquer outro amigo. Um



Fotos JOÃO PIRES

ato puramente sentimental".

**ALIANÇA NO DEDO** - Roberto de Carvalho, pianista com formação erudita, que há alguns anos odiava *rock* brasileiro, também praticamente não ouve nenhum gênero de música. "Meus ídolos continuam sendo os *Rolling Stones*. "Isso não é esnobismo. Acontece que passamos oito meses por ano nos preparando para o disco e para o *show*. Assim, ficamos envolvidos com a nossa própria música praticamente todo o ano. "A gente acaba saturado", acrescenta Rita. "Você já imaginou aguentar depois de tudo isso ligar o rádio do carro ou entrar num barzinho ou numa boite e nos ouvir? É dose, não acha?"

Mas o que fez Roberto - com ares de menino mimado, amigo de Santana e dos participantes de Woodstock - mudar de idéia e entrar no *rock* paulista de Rita? "Foi a atuação de Rita no palco durante um espetáculo em São Paulo. Ela parecia o Mick Jagger". Nesta ocasião, eu era guitarrista de Ney Matogrosso e nos concedemos no camarim". No final da temporada com Ney começou o namoro que mais tarde foi seguido do nascimento de Beto, hoje com quatro anos. O resto, como se sabe, parece um conto de fadas, com um final feliz para os amantes do *rock*. Um amor que dura seis anos, com aliança e muita cortição familiar, ao lado de Roberto (quatro anos), João (dois) e Antônio recém-nascido. Com hu-

\*Leonor Amarante é repórter de O Estado de São Paulo.



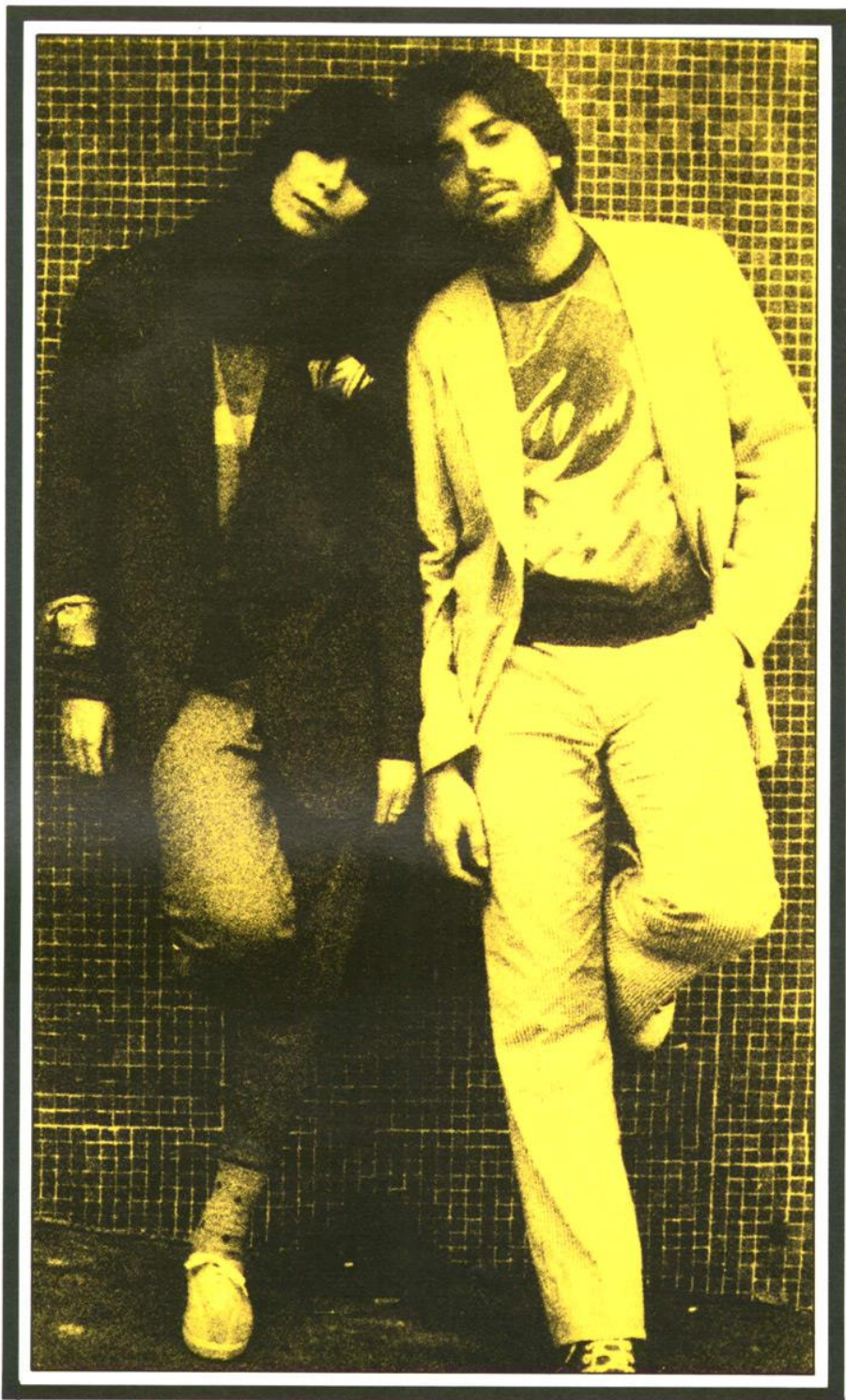
## RITA, LEVADA DA BRECA

mor e cara de safada Rita diz que por causa desse harêm ela compôs "Favorita". "E também pra ver e ouvir Roberto cantar "Minha favorita do harem/Só quero você mais ninguém"... Durante o show ele cantou. No entanto, o público pegou fogo foi com o antigo sucesso, "Lança Perfume".

O ditado diz que não se mexe em time que está ganhando. Mas por que respeitar o ditado, perguntam Rita e Roberto? "Porque se acomodar nas fórmulas de sucesso?" Pensando dessa maneira a dupla foi além dos seus discos anteriores, "Manias de Você" e "Lança Perfume". "As pessoas estão comprando "Saúde" pensando em encontrar as músicas desses últimos discos", diz Rita Lee. Mas mesmo sabendo os riscos que corriam eles mudaram o estilo, se renovaram e estão tranquilos e felizes. "Poderíamos fazer mil apresentações por aí, ficar ricos e barrigudos. Mas não queremos. Nossa vida profissional e familiar é muito respeitada por nós", garante Roberto.

**ACERTO DE CONTAS** - Em "Saúde", a dupla manteve a pulsação da molecagem brasileira e fundiu as mais eufóricas raízes do *rock*. O oitavo LP da carreira de Rita e o quarto em parceria com Roberto tem como faixa título, um *rock-disco* costurado pulsivamente pela guitarra de Roberto, no qual Rita manda um recado: "Não me dê conselhos, sei errar sôzinha". Livre, atrevida e dona do seu nariz, Rita acredita no amor total e avisa: "Se eu por acaso morrer do coração, é sinal que amei demais". O *rock* pauleira - uma das especialidades de Rita, musa absoluta do *rock* brasileiro - corre solto pela guitarra de Roberto em "Tititi", com uma marcação pesada no baixo e na bateria. "É também uma música de princípios", diz Rita. Nela, o casal manifesta sua impaciência diante da ociosidade alheia no momento de crise. Em "Banho de Espuma", sucesso do LP, que levou a platéia do Anhembi à euforia, eles convidam para um sadio exercício do desejo, embalados por metais que seguem o exemplo do *Rythm and Blues* e das grandes bandas carnavalescas. Assim como "Lança Perfume", essa música deverá integrar o repertório do próximo carnaval.

As outras músicas misturam propostas variadas. "Mutante" é uma balada nostálgica "Um acerto de contas", diz Rita. A parte instrumental de "Atlântida" constrói um clima de devaneio, rumo ao



Com Roberto de Carvalho: marido, parceiro, "minha inspiração".

futuro. "Mamã Natureza" (*Mother Nature*) é uma síntese brincalhona do *rock* brasileiro, tanto assim que é cantada em inglês. Rita pretende introduzir em cada novo LP algumas composições em inglês, embora tenha consciência que fazer sucesso nos Estados Unidos é muito difícil. Roberto lembra Mick Jagger: "Ele pretendia ser ator, mas por causa do seu sotaque inglês teve problemas. Imaginem nós dois". A malícia brejeira de Rita Lee atinge seu

climax em "Tatibitati", onde ela lembra sua meninice - "Brincar de médico é melhor que boneca". Ela que já foi a "ovelha negra da família", se junta ao marido e cantam a faixa "Favorita". E não poderia ser de outra forma, já que todo o relacionamento pessoal e profissional deles está contido nessa música. Rita a considera herdeira direta da linhagem que começou com "Manias de Você" e foi seguida por "Caso Sêrio".





Antonio Fagundes, ajudando a criar uma Cultura menos elitista.

## TELEVISÃO

Liane C.A. Alves\*

### Progressos e tombos

*Criando fórmulas novas ou reutilizando as velhas, nossa tv errou muito em 81. Mas caminhou alguns passos.*

Pode-se dizer que os deuses abençoaram o ano de 1981 na televisão. Difícil vai ser alguém acreditar nisso. Porque embora tenham acontecido coisas muito importantes na televisão, fatos que realmente alteraram o seu rumo histórico e o seu próprio fado, chega-se ao fim do ano com a impressão de que nada mudou, que os acontecimentos restringem-se a si mesmos e que deixam de ser geradores de novas mudanças. Impressão enganosa. Felizmente estamos em crise de crescimento de novo.

A verdade é que atravessamos os mares da transição, que nos enveredamos em correntes fluidas e superpostas, que os contornos do previsível ainda não se con-



Darcy Ribeiro: um grande momento do "Canal Livre".

gelaram em formas definidas. Pisamos na areia movediça mas pela primeira vez isso não nos parece mau. Se estamos em terreno inseguro e incerto é porque nos arriscamos a andar, a seguir em frente. E o seguir em frente presume inevitáveis riscos.

Riscos da criatividade e mesmo da mediocridade. Este ano a televisão tentou todas - ou quase todas - suas possíveis fórmulas e alternativas. As novas e as velhas. Provocou polêmica e debate, ousou pelos caminhos paralelos à moral vigente, aceitou o desafio da abertura em alguns programas jornalísticos, mas também caiu de nível, voltou 15 anos no tempo. Em resumo, mais tombos que passos, mais fracassos que sucessos, mas andando. Voltando a aprender a andar.

O que tínhamos na década de 70? A soberania da Globo, do seu padrão estético extremamente formal, nítido, gráfico e naturalista. Nada era (é) fluído na Globo, nada maleável ou com características próprias. O padrão era definido, fixo, economicamente competente e hegemônico. Exatamente como o regime. Estagnava-se.

Agora a nação atravessa e cumpre o rito da passagem. Estamos nos iniciando em novas normas, em outra estrutura, temos outras perspectivas. Começamos a deixar o que antes nos parecia certo pelo duvidoso. Mas agora queremos esta dúvida. Na televisão. Na vida do país. O problema é que mudanças sempre implicam em erros e acertos, mais lágrimas do que sorrisos. Mas como são necessárias para o amadurecimento... Aprendemos a separar o que nos é realmente essencial, busca-se no passado as lições do que foi bom. Mas esta passagem, como o nascimento, se faz com dor. Este é o processo porque passa a ex-hegemônica Globo.

Nos caminhos da auto-análise, na insegurança da audiência e do próprio futuro, aos poucos a Globo abandona a sua própria casa para ser crisálida de um ser que ainda não se conhece a cara. No começo do ano, talvez alguém ainda se lembre, a Globo ousou com "Amizade Colorida". Levou um contra-vapor que a deixou tonta. Mas a verdade é que o choque da audiência foi assimilado: hoje, todo mundo sabe o que significa o termo "amizade colorida", todos admitem uma sensualidade mais desinibida e, acredito, se os episódios que deram origem a estas controvérsias fossem novamente exibidos neste fim de ano, não chocariam tanto. A reação foi mais de susto. As pnochanchadas do Canal 7 e 4 deixariam o personagem de Antonio Fagundes ruborizado de vergonha.

Outros sustos, outras assimilações. D. Helder volta à televisão, na Bandeirantes, depois de 17 anos. Fidel Castro também e ninguém deu muito bola. Programas e reportagens sobre o problema da posse da terra. Ótimas e quentes entrevistas políticas no "Canal Livre". Tudo assimilado. Um bom passo à frente.

A Cultura (a televisão) também deixa de ser elitista. Tem programas de auditório, música pop, Francisco Petrónio e alcança níveis inéditos de audiência em sua história. Procura caminhos, certos ou errados, e também abandona a sua casca. E chega a TV-S, em setembro, e faz da sua programação um enorme "Programa Silvio Santos" com 18 horas de duração por dia, 7 dias da semana. O povão adora. Uma velha fórmula, um outro caminho, obrigando as outras redes a descerem definitivamente de suas torres de marfim. Uma velha antítese que pode provocar uma nova síntese, mudanças. Aconteceu muita coisa importante em 1981. A televisão está mudando. Esta é a melhor benção que os deuses poderiam dar.

\*Liane C. A. Alves é crítica de tv de O Estado de São Paulo.





TEATRO

Carmelinda Guimarães\*

## Eterno Nelson

*Seus textos salvaram a fraca temporada.*

A dramaturgia de Nelson Rodrigues de um lado e o número excessivo de montagens de baixa qualidade de outro são as características principais do teatro em 1981. Os textos de Nelson Rodrigues foram responsáveis por dois importantes espetáculos do ano. Primeiro "Nelson Rodrigues, o Eterno Retorno", dirigido por Antunes Filho e revelando um elenco de excelentes novos atores fez uma síntese da obra do grande dramaturgo, reunindo as peças "Os Sete Gatinhos", "Beijo no Asfalto", "Toda Nudez Será Castigada" e "Album de Família". Um refinado trabalho de pesquisa, sem dúvida um espetáculo que marcou época no teatro brasileiro, e que agora inicia temporada no Rio de Janeiro, depois de ter realizado *tourneé* pela Inglaterra, França e Venezuela, participando de festivais internacionais de teatro.

Outro, "Anti-Nelson Rodrigues", uma das últimas peças do autor, escrita em 1974 sob encomenda da atriz Neila Tavares, deveria ser uma história de amor que fosse o poço da tragédia rodrigueana. Mas apesar de conter um "happy-end" pouco usual ela conserva toda a amargura, a crueza e o anseio de pureza que foram a tônica na obra de Nelson Rodrigues. Apresentada pela primeira vez em São Paulo, a peça, além de revelar ao grande público um texto pouco conhecido prima por uma direção segura de Paulo Betti e uma interpretação brilhante de Renato Consorte.

Alguns bons espetáculos de autores nacionais, poucos, como "O Coronel dos Coroneis", de Maurício Segall, "Ossos do Ofício", de Maria Adelaide Amaral, "O Dia Que Raptaram o Papa", de João



"A aurora da minha vida" foi um dos poucos destaques de autor nacional.

Bethencourt, ainda, "A Aurora da Minha Vida", de Naum Alves de Souza, "O Santo Milagroso", de Lauro Cesar Muniz, "Os Órfãos de Janio", de Millor Fernandes, "Campeões do Mundo" de Dias Gomes.

Muitas produções calcadas em sucessos da *Broadway*, mostrando espetáculos bem cuidados e bons trabalhos de interpretação, como "O Homem Elefante", com Ewerton de Castro, "Bent" com Ricardo Petraglia e Kito Junqueira, "39", com Clarisse Abujamra, "Ensina-me a Viver", com Henriette Morineau, substituída por Maria Clara Machado, e "Essa Gente Incrível", com Eva Tudor.

Um musical leve, "Ai Vem o Dilúvio", foi um dos melhores espetáculos em termos de bilheteria, apesar de sua divulgação ter sido muito prejudicada com constantes mudanças de elenco e por conflitos internos entre seus produtores. Trabalhos isolados como "Apenas uma Mulher de Negócios", de Fassbinder, com boa interpretação de Irene Ravache, "Lua de Cetim" de Alcides Nogueira, com Umberto Magnani, tres montagens de Brecht: "Happy End", direção de Paulo Reis, "O Casamento do Pequeno Burgues", por Ia-

cov Hillel e "Tambores da Noite", por Mário Masset.

Foi um ano rico e variado em termos de espetáculos, com algumas grandes montagens, mas a enxurrada de trabalhos medíocres comprometeu de tal forma o teatro que mereceu críticas como a de Ian Michalki, lamentando a vida do crítico de teatro que é obrigado a acompanhar "tanta tolice escrita por quem não sabe escrever, dirigida por quem não sabe dirigir e interpretada por quem não sabe interpretar", além de um debate aberto pela Cooperativa Paulista de Teatro, que acusou o paternalismo pela baixa qualidade dos trabalhos realizados.

Fato é que muitos bons trabalhos sofreram problemas sérios de falta de público, tendo até que suspender sessões (30% das peças segundo a SBAT) e boa parcela da culpa sem dúvida cabe ao número excessivo de peças dividindo um público escasso. Todos foram vítimas do problema — público e profissionais. A lição foi dura, mas esperamos que seja útil e que para 82 volte-se ao saudável costume da auto-crítica e só cheguem ao palco trabalhos realmente terminados para satisfação do público, de atores e críticos...

GRÁFICA

Santana

PRECISAO E QUALIDADE

IMPRESSOS EM GERAL - OFF-SET  
TAMBÉM A CORES

IRMÃOS TOLEDO & CIA. LTDA.

Rua Dr. Paulo Frontin, 395 - Fones: 469-9066 e 469-9091 - MOGI DAS CRUZES-SP

\*Carmelinda Guimarães é crítica de teatro da Revista Visão.





**A nossa porta está aberta durante o ano todo,  
para oferecer a você o melhor atendimento,  
maior rapidez e garantia de tranquilidade.**

**IMÓVEIS**

Pça. João Pessoa, 24 - Tels.: 469-5944 e 469-5969 - Mogi das Cruzes  
Rua Taubaté, 126 - Caraguatatuba - São Paulo



Luiz Fernando Emediato\*

## E os filhos?

*A difícil escolha de leitura adequada para as crianças.*

Na maioria das vezes os pais não sabem que livros comprar para seus filhos. O ideal, claro, seria as próprias crianças escolherem os livros que gostariam de ler - mas como, nem sempre, elas estão habituadas a isso, acabam por cair nas armadilhas editoriais, comprando gato por lebre, uma bela embalagem com sofrível conteúdo. Os eternos problemas da sociedade industrial, massificada, consumista.

Os pais que realmente se interessam pela educação, lazer e liberdade de seus filhos devem se preocupar com essa importante questão. E a melhor forma é também eles procurarem ler alguma coisa sobre o assunto. Ler, claro, não livros pedantes ou tratados especializados sobre o tema, mas alguns livros básicos e simples, como o profundo - mas nem por isso chato - livro da professora gaúcha Regina Zilberman intitulado "A Literatura Infantil na Escola", (Editora Global, SP, 1981), que na verdade extrapola a ideia contida no título para se transformar num vibrante, perfeito tratado sobre a arte e, mais especificamente, sobre a literatura produzida para o leitor jovem.

Outro livro fundamental é "Quando eu Voltar a ser Criança", do professor polonês Janusz Korczak, perseguido e morto pelo nazismo. Seu livro (Summus Editorial, RJ), é fantástico: uma espécie de romance, cujo personagem, também um professor, volta à idade infantil, mantendo a consciência adulta, e descobre que, afinal, o mundo infantil nem sempre é maravilhoso como o pintam. Pelo contrário: a criança é um ser oprimido, às vezes até inconscientemente, pelos adultos, pelos próprios pais, que se consideram os donos de todas as verdades e nem sempre (quase nunca) pedem a opinião dos filhos antes de tomar decisões que poderão marcá-los para sempre.

A leitura desses dois livros básicos é fundamental para se "fazer a cabeça" de pais saudáveis, abertos à discussão, capazes de respeitar a criança como um ser que se deve tratar como um igual, e não como uma criaturinha estúpida, frágil, "inocente" e "pura". A partir daí - e deste enriquecedor diálogo com o universo infantil - se pode pensar, então, na escolha conjun-



ta de livros, brinquedos e objetos que as crianças gostariam de ganhar, por exemplo.

No caso específico dos livros - o nosso caso - devemos antes de mais nada nos despirmos de certos preconceitos, como aquele que decreta coisas assim como "criança não pode ler isso ou aquilo". Tatiana Belinki, uma das mais saudáveis pedagogas que vivem em São Paulo, afirma, com muita propriedade, que se deve dar à criança e ao jovem liberdade para ler o que bem entende, inclusive pornografia e subliteratura. Nenhum livro, até hoje, deformou qualquer personalidade. Essa abertura intelectual é muito importante para a formação de indivíduos conscientes e livres.

Há quem defenda, porém, atitudes mais dirigidas. De qualquer forma, se pode indicar certos livros - sempre, porém, sem impor sua leitura - como aqueles, fantásticos, cheios de mistério e magia, escritos hoje por autores como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Fernanda Lopes de Almeida, e dezenas de outros, que se dispuseram a "recontar", as velhas histórias de fada, numa linguagem nova, e com temas presentes em nossa realidade. Livros como "O Reizinho Mandão", de Ruth Rocha, são um exemplo dessa corrente: o tema do autoritarismo (bem presente no Brasil de hoje) tratado num "conto de fadas".

Para os que preferem histórias realistas em linguagem também realista, sempre existem os livros da polêmica "Coleção do Pinto" (Editora Comunicação, MG), ou os livros do gaúcho Sérgio Caparelli (Vovô Fugiu de Casa", "Ana de Salto Alto", Editora L&PM, RS), do paranaense Domingos Pelegrini Jr. ("A Árvore que Dava Dinheiro", Editora Moderna, SP), do paulista Marcos Rey ("O Mistério do Cinco Estrelas", Editora Ática, SP) e dezenas de outros. O importante é não ficar só nesses. Isto significa que os pais devem se informar constantemente sobre o que existe no mercado, avaliar sua qualidade e participar, ativamente, com democracia, das escolhas de seus filhos.

Rubens Ewald Filho\*

## Safra pobre.

*Poucos passos mas um consolo: o bom cinema brasileiro.*

Foi um ano de indecisões, de crises, de pequenos sucessos e alguns retrocessos. Pensava-se que a abertura da censura era um fato e uma conquista quando no final do ano se percebeu que tudo não passava de fogo de palha, que não se tinha coragem de assumir a licença para as salas especiais, com um conselho de censura sem verdadeira autoridade e uma linha de conduta absolutamente incompreensível. Assim, para cada dois passos à caminho da liberalização, correspondeu outro para trás.

Mesmo assim, 1981 pelo menos foi um



"Eros": um bom cinema erótico.

ano bom para o cinema nacional, com filmes de qualidade ("Ato de Violência" de Eduardo Escorel foi certamente o melhor) para compensar a normal enxurrada de fitas semi-pornô da Boca do Lixo. É verdade que existiu "A Filha de Caligula", imbatível como a pior do ano, mas em compensação "Mulher Objeto" e "Eros, Deus do Amor" demonstraram que também se pode fazer erotismo de boa qualidade. Houve também o grande sucesso nos filmes nacionais do estrangeiro, com prêmios para "Eles não Usam Black Tie", "Homem que Virou Suco", "Rosas da Estrada" e o êxito absoluto de crítica nos Estados Unidos de "Pixote", indicado para o próximo Oscar de filme estrangeiro.

Outro fenômeno curioso foi o da super-venda - o investimento maciço em publicidade para vender um filme nacional (bem sucedido no caso de "Eu te Amo" mas fracassado com "Beijo no Asfalto" por causa do cansaço público com Nelson Rodrigues, confirmado

\*Luiz Fernando Emediato é escritor e jornalista.

\*Rubens Ewald Filho é crítico de cinema da Tv Cultura.



## Crise aguda

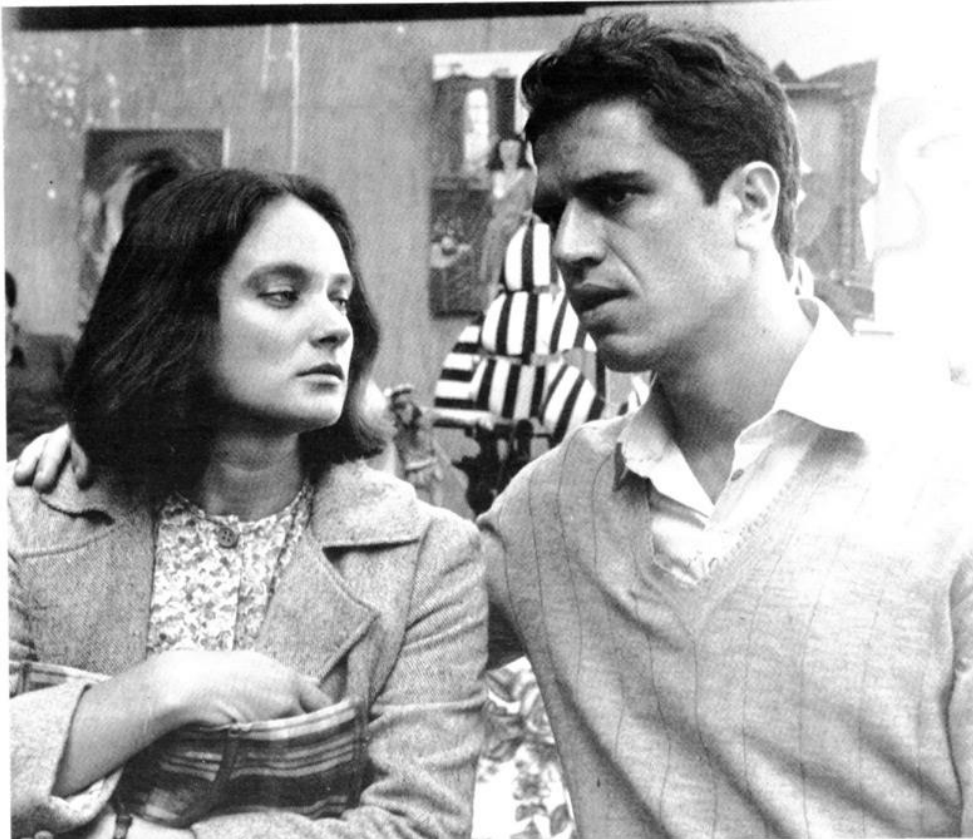
*O mercado de discos no Brasil perdeu 35% dos consumidores.*

**M**ais do que qualquer melodia, do que qualquer composição, arranjo ou performance individual, o acontecimento mais destacável em 1981, no campo da música popular brasileira, foi uma crise: a crise da indústria fonográfica. Ela afetou todo mundo, como nunca antes, das poderosas multinacionais ao humilde divulgador; da produção musical em si aos balconistas, último elo da corrente entre a fonte sonora e o consumidor.

Vamos dar alguns exemplos: em agosto de 1980, foram lançados no Brasil 76 LPs nacionais; em agosto de 1981, apenas 35; assim, e numa progressão que não recrudescerá, o mercado fonográfico no Brasil perdeu 35% dos seus consumidores; o Brasil, que ocupava a quinta colocação no *ranking* mundial dos compradores de disco, caiu este ano para um afastado nono lugar. "Realmente", disse João Araújo, presidente da Associação Brasileira de Produtores de Discos, "este o ano mais negro da história".

Os índices da crise não estão apenas na queda da compra. Refletindo essa implosão, poderosas gravadoras não se seguraram nas bases. A Ariola que, da Alemanha, estendeu suas ondas ao Brasil, entrando aqui com o ruído que se conhece (a compra dos passes do Chi-

\*Adones de Oliveira é jornalista e crítico musical.



"Ato de Violência", a melhor produção num bom ano do nosso cinema.

também com o abominável "Bonitinha mas Ordinária" e o fraço "Engraçadinha"). Mas o Acontecimento mais importante continuou a ser o Festival Internacional do MASP em São Paulo, apresentando os proibidos "Salò" de Pasolini e "Calígula" ao lado de pré-estreias como o extraordinário "Possessão", merecidamente o vencedor do prêmio da crítica).

Qualquer lista dos melhores do ano teria que incluir obrigatoriamente "Meu Tio da América", de Resnais; "Johnny Vai à Guerra", de Dalton Trumbo; "Feios, Sujos e Malvados", de Ettore Scola, "Elisa, Vida Minha", de Carlos Saura; "Atlantic City", de Louis Malle e o atrasado "Nazarin" de Buñuel. Num nível menor, outros bons filmes foram "O Homem Elefante", "Um Tiro na Noite", de Brian de Palma (que teve momentos geniais também em "Vestida para Matar"), o "Popeye", de Altman e "Caçadores da Arca Perdida", de Spielberg o "Kagemusha", de Kurosawa, a grande interpretação de Gena Rowlands em "Glória", o sóbrio vencedor do Oscar ("Gente como a Gente"), "O Homem de Mármore", de Wajda, "Fontamara", de Lizzani, "A Dama das Camélias", de Bolognini e "Tess", de Polanski. Mas também existiu a cota de decepções: "O Último Metrô", de Truffaut, "Salve-se quem Puder (a Vida)", de Godard, "Da Vida de Marionetes", de Bergman, "Memórias", de Woody Allen, todos de cineastas consagrados que já tiveram dias melhores. ●



"Feios, sujos e malvados": um bom momento do notável Nino Manfredi.

# Pescaria ao sabor das ondas

VENHA PESCAR CONOSCO NA EMBARCAÇÃO  
— SPORT MAR V —

São Sebastião

Rua São Luiz, 15  
Tel.: 52 1024

Mogi das Cruzes

Av. Vol. Fernando Pinheiro Franco, 790  
Tel.: 469 1851



## Artes & Espetáculos

co Buarque, de Milton Nascimento, lembram-se?, por milhões) foi comprada pela Polygram (a antiga Philips) por um simbólico dólar e a absorção de um passivo de 800 milhões de cruzeiros. Outro selo reumbante, o da Warner (WEA), teve que se virar, literalmente, apelando para sua congênera, a Odeon, que passou a encarregar-se da fabricação, distribuição e venda dos seus discos.

Qual a saída para a crise do disco, já que, segundo os executivos do disco, essa solução deve ser encontrada o mais rápido possível? João Araújo, também o diretor da "Som Livre", responde que é indispensável o ordenamento do mercado e das leis de proteção. "Acho ainda", disse, "que se devem fazer investimentos promocionais melhor dirigidos, como a divisão de calendários de lançamentos. Importante também é fazermos um acerto com as FM, pelo menos para encontrar uma fórmula de não tocarmos 20 músicas seguidas, colocando o prefixo do rádio no meio da música para evitar a gravação "pirata". Outro dado é a questão das "luvas" (quantias pagas aos artistas para se transferirem de gravadoras), que terão que acabar, pois é um investimento sem retorno. Com referência a repertório, partir-se para uma pesquisa mais apurada que, sem deixar de aproveitar gente nova, passe a ser mais seletivo. Deve-se também abrir um mercado maior para a divulgação de programas novos, incentivando festivais e lutando junto às televisões para termos mais musicais".

\*\*\*

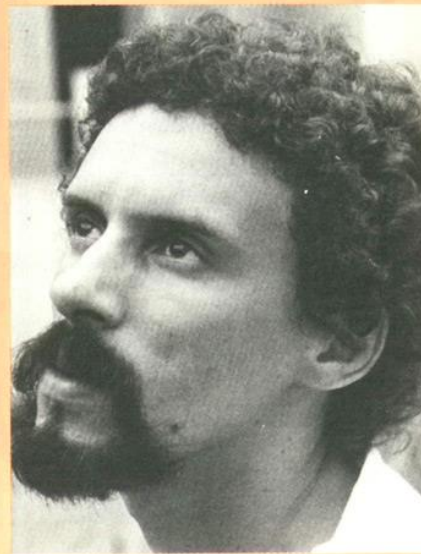
No meio dessa crise, porém, nem tudo é choradeira. A CBS que, por causa disso, é a que menos sofre, chegou ao final de 81 com um sorriso desse tamanho, provocado por sua maior estrela: Roberto Carlos. Para se ter uma idéia: antes de "Emoções" ser lançado, no último dia 25 de novembro, já haviam sido vendidas 1 milhão e 600 mil cópias, um indicio seguro, segundo a gravadora, de que até novembro de 1982, terão sido vendidos três milhões de "bolachas" de RC, um recorde no Brasil.

\*\*\*

Não é apenas Roberto Carlos que só quer lançar disco no fim de ano, época em que mais se vende. Estão aí com discos novos Maria Bethânia ("Alteza"), Chico Buarque ("Almanaque"), Fagner ("Traduzir-se") e ainda Beth Carvalho, Simone, Erasmo Carlos, Beto Guedes, Rita Lee, Martinho da Vila, muitos e muitos outros, que aproveitam a generosidade natalina do dar e receber.



**Chico Buarque, Milton Nascimento, Gonzaguinha e Roberto Carlos: alguns dos destaques de sempre num ano em que a nossa indústria fonográfica vive uma das maiores crises de sua história.**



Fotos AE

### TAPEÇARIA



**TAPETES - CARPETES - CORTINAS  
ORÇAMENTO E COLOCAÇÕES GERAIS**

**RUA DR. DEODATO WERTHEIMER, 1113  
TELS.: 469-7776 - 469-0874 - MOGI DAS CRUZES**

ATO





# CARLOS SOH

ABRE O JOGO

(Arte & Efeitos de Som: Nicolielo)

E que tipo de página você queria ler uma época em que vice-governadores querem ser presidentes de Federações???

**O** ano está começando e, quando chega essa época, compensando a tradicional falta de assuntos gerada pelas férias dos jogadores, é inevitável que nós, cronistas do dia-a-dia desse apaixonante - e conturbado - futebol, apelemos para um dos indefectíveis balanços do ano que passou. De qualquer forma, em que pese a redundância, não deixa de ser agradável alinhar algumas linhas sobre os fatos que marcaram 1981 no campo esportivo.

Afinal, houve a ascensão de Gülite Coutinho ao comando supremo do nosso futebol e, com ele, a solução de alguns problemas que, desde há muito, vinham recebendo tratamento político, desastroso e amadorista. Partiu-se para a benéfica redução do número de participantes do Campeonato Nacional; instituiu-se o respeito às regras do jogo e quem não ganhou no campo direito de ser grande não foi favorecido por nenhum dos trambiques de sempre; criou-se a figura do técnico permanente na seleção.

**M**as não pense aí você que os fatores positivos conquistados em âmbito nacional - ia me esquecendo da brilhante vitória flamenguista, que recupera o nosso prestígio internacional, principalmente quando aliada à boa excursão da seleção à Europa e à participação no Mundialito - tiveram alguma repercussão aqui por estas plagas paulistas. Veja só: continuamos tendo campeonatos absurdamente planejados, deficitários e que se transformam em verdadeiras orgias de mandados de segurança, ações em todas as instâncias das Justiças Desportiva, Comum e adjacências. Além disso, o ano foi marcado por histórias não muito bem explicadas de tentativas de suborno a juiz, cartões amarelos não devidamente computados e mumunhas desse gênero. Não bastando isso tudo, tivemos que assistir à deprimente disputa pelo poder na FPF, reunindo, de um lado, a triste figura desse Nabi de tantos desastres, e, de outro, nada mais, nada menos do que o vice-governador do Estado, um medíocre ponta esquerda do passado que se serve da máquina administrativa e do dinheiro do contribuinte que o sustenta apenas para garantir uma projeção que sua limitada capacidade não lhe confere.

E vamos nós, de Nabi a Marin, vendo nosso futebol rolar nas mãos de políticos oportunistas, capengando na fossa, na qual só mudam as moscas.



Sócrates: dodói eterno.



Nunes Galvão: campo neutro.



João Paulo: complô novo.

## O futebol em 82

Com exclusividade, você tem aqui as previsões do Conde de Nostradamus

\*Sócrates vai sofrer 12 contusões no calcanhar, uma por mês, ficando de fora do time do Corinthians e só se recuperando, como que por milagre, nas vésperas de convocação para a seleção.

\*O Palmeiras vai cair para a Taça de Bronze e a diretoria, depois de escapar de ser transformada em recheio de ravioli pelos corneteiros enfurecidos, dará entrevista anunciando que "nem por isso vamos fazer loucuras". E lembrará que, "apesar da má fase passageira no futebol, temos conseguido importantes vitórias em torneios de malha, bocha e truco".

\*A Ponte Preta será vice-campeã, perdendo o título em São Paulo, depois do seu presidente ter anunciado que "dessa vez é pra valer e, se não houver jogo em Campinas, não entraremos em campo".

\*Nunes Galvão e Jaime Franco darão muitas entrevistas jurando que o Morumbi é campo neutro e que ninguém pode insinuar que isso é falso apenas porque dois gan-

dulas arrancaram uma orelha de um goleiro adversário e um funcionário mais fanático deu doze navalhadas em um juiz faccioso.

\*A Portuguesa, finalmente conseguirá reunir todas as alas do clube em um festivo almoço de pacificação. Ao final, haverá apenas uns 38 mortos e 197 feridos, mas esses sem perigo de vida.

\*Depois de derrubarem mais uns 17 técnicos, João Paulo & Cia. não se contentarão mais com essa brincadeira e começarão um trabalhinho para derrubar o Rubens Quintas.

\*O campeonato terá 11 turnos, 42 octogonais, 37 quadrangulares, 107 mandados de segurança e - a grande novidade - chegará ao final sem que ninguém saiba quem é o campeão.

\*Paulo César Caju conseguirá jogar três partidas inteirinhas e vai pedir aumento à direção do Corinthians: "Vocês pensam que eu sou de ferro???"



Bem que o Nabi prometeu: "Quando puder organizar o meu campeonato, ninguém irá se esquecer dele com facilidade". Pois não é que ele cumpriu: afinal, como esquecer um campeonato que não teve nem o campeão proclamado?

**Não sei não, mas já estou até vendo como serão os novos cálculos dos corinthianos:**

**"Bom, mas, matematicamente, se o Catuense perder um ponto nós ainda temos chance!"**



“Eu? Na Taça de Prata? É muito luxo jogado fora”.



Paulo César Lima, o *Caju*, quando soube, no Rio de Janeiro, entre uma surfada em Ipanema e uns passos de *hustle* no Hippopotamus, que o seu Corinthians vai ter mesmo que se contentar em ser parceiro de Catuenses, Taguatingas e adjacências.

**M**as aquele locutor campeão de audiência não tem jeito mesmo e, a cada improviso, vai perpetuando, impunemente, os maiores crimes de lesa-vernáculo. Veja só o mais recente:

— *Puxa vida, mas esse zagueiro não larga o Sérgio. Parece que eles são dois irmãos xipófagos...*

**MEU DEUS, QUE MONOTONIA! DUAS SEMANAS E O ELENCO DO SANTOS NÃO DERRUBOU NENHUM TÉCNICO!**



Nelson Duque, o criticado vice-presidente de futebol do Palmeiras, um dos expoentes da política “não podemos fazer loucuras”, acha que os 240 milhões de cruzeiros votados pelo Conselho do clube para o futebol alviverde em 82 são mais do que suficientes. Com o que não concordam muitos corneteiros do Parque Antártica, todos mais ou menos com a mesma opinião do nosso ruidoso Comendador Macaroni:

— *Eco, 240 milion??? Num dá pra nada: isso eles von gastá só pra consertá as cadeira du nossu estádio nas veiz qui o time perdê i nós botá fogo di raiva...*

**Confusão geográfica**

Claudiomiro, aquele centroavante robusto que cansou de fazer gols com a camisa do Inter de Porto Alegre, não, tinha - pelo contrário - nenhum dos repentes intelectualizados que brotam com facilidade da boca de muitos dos nossos ídolos de hoje. Por isso, moço de origem pobre e humilde, ele resumia suas entrevistas aos indefectíveis “futebol é assim mesmo”, “se Deus quiser eu e meus companheiros vamos dar tudo de nós” etc.

Mas, certa vez, o Inter foi jogar contra o Remo, em Belém do Pará, e o Claudiomiro ficou muito entusiasmado com o fato. Tanto que ele fez questão de contar para o primeiro repórter que lhe ofereceu um microfone:

— *Bom, eu estou muito feliz por jogar na cidade onde Jesus nasceu...*

**Esta página é linda**

por você, que merece muito mais que isso; pelo Carlos Aymard, uma das vozes mais coerentes do rádio esportivo pátrio; pela Ivone, que mandou carta confusa e vai receber resposta longa, via Correio; pelo João Reis, às voltas com suas potentes motoniveladoras; pela Gilda, que não é fatal mas também derruba os seus queixinhos; pela Jussara Prado, nova musa deste cantinho; pelo Cid Boucault, parceiro de meio-de-campo; pelo Ângelo, que em 83 será chefe do Argeu Batalha; pela moça das cartas coloridas, me reensinando a esperança, e pelo João Ladrão. Esta página lamenta não ter nenhuma amiga secreta...

**E**, falando em Palmeiras, contam que um torcedor, dos mais fanáticos, a cada derrota do time em 81 chegava em casa e descia o braço num periquito que tinha no quintal, outrora mostrado com orgulho como símbolo de sua paixão pelo alviverde. Pois bem, durante o ano todo as surras foram tantas que um velho papagaio, que assistiu calado ao infortúnio do companheiro, já decorou nova frase para as quartas e domingos, quando o dono vai ao futebol:

— *Ei, Zizi Possi, prepara o lombo que a Ângela Ro Ro vai ao Parque Antártica...*



# Sucesso absoluto em FM



**RÁDIO METROPOLITANA FM** stéreo



**“Nós temos conta na Nossa Caixa.  
É ótimo!”**

*Lucinda e Luís Fernando sabem que a Nossa Caixa é um Banco. Por isso eles têm conta lá. E usam a Nossa Caixa, isto é, o Nosso Banco para tudo. Pagam suas contas, movimentam cheques, depositam dinheiro.*

*Agora, cantando, como na TV:*

*“Ela é minha, ela é sua, ela é nossa.  
Nossa Caixa, Nosso Banco”.*

*E Nosso Banco porque ela é,  
acima de tudo, um banco social.*

**Governo  
Paulo Maluf**



**São Paulo  
trabalhando.**



**nosso**

**caixa**